



ISPA | Instituto Universitário

Simbolismo

Revisão Teórica do Conceito

Edgar José Gomes de Almeida Fialho Costa

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Teresa Santos Neves

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Teresa Santos Neves

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Teresa Santos Neves, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 /2006 publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais José António Fialho Costa e Maria José Gomes de Almeida Fialho Costa, e restante família, que tiveram um papel fundamental no meu percurso enquanto homem e estudante, e sem os quais este caminho não poderia ter sido trilhado. Obrigado pela vossa constante dedicação e suporte.

À minha Orientadora, Professora Doutora Teresa Neves, agradeço toda a motivação que sabiamente me soube transmitir, as críticas e sugestões que fez e que tanto me permitiram aprender, e o empenho e interesse que desde a primeira hora colocou nesta orientação.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os amigos e pessoas com as quais me cruzei ao longo do tempo, e que me permitiram aprender de alguma forma com as suas vivências.

NOME: Edgar José Gomes de Almeida Fialho Costa

Nº ESTUDANTE: 15462

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Clínica

ANO LECTIVO: 2009/2010

ORIENTADOR: Professora Doutora Teresa Santos Neves

DATA: 3/12/2010

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Simbolismo, Revisão Teórica do Conceito

RESUMO

O propósito central deste trabalho consistiu em fazer uma revisão da literatura sobre o conceito “Simbolismo” e a importância da função simbólica. Procurámos saber o estado actual do conceito, o porquê desta capacidade simbólica e a sua importância para o desenvolvimento do sujeito. Para tal foram trabalhadas as teorias de Sigmund Freud, de Ernest Jones, de Melanie Klein, de Hanna Segal e de Harold Blum e analisadas as suas contribuições. Pretende-se, portanto, fazer uma síntese da evolução do conceito bem como explorar quer os contributos dos autores, quer as suas diferentes concepções sobre o Simbolismo. Freud, Jones e Blum fazem uma utilização restrita do conceito, enquanto Klein e Segal utilizam o conceito num sentido mais alargado. Freud partiu da análise dos sonhos. Klein salientou a importância da relação. Jones distinguiu o símbolo psicanalítico de outras formas de representação indirecta como as metáforas. Similarmente, Blum distinguiu o símbolo psicanalítico das palavras. Segal apresenta a relação simbólica como uma relação a três e não a dois, uma relação entre símbolo, simbolizado e a pessoa para quem um simboliza o outro. Procuraremos perceber o caminho percorrido entre Freud e Segal.

Palavras-chave: Simbolismo, Relação simbólica, Função simbólica

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: SYMBOLISM, THEORETICAL REVIEW OF THE CONCEPT

ABSTRACT

The purpose of this work was to do a literature review on the concept of symbolism and the importance of symbolic function. We tried to know the current status of the concept, why this symbolic capacity and its importance to the development of the subject. For this we worked on theories of Sigmund Freud, Ernest Jones, Melanie Klein, Hanna Segal and Harold Blum and analyzed their contributions. It is intended therefore to summarize the evolution of the concept and want to explore the contributions of the authors or their different conceptions of Symbolism. Freud, Jones and Blum make a restricted use of the concept, while Klein and Segal use the concept in a broader sense. Freud started from the analysis of dreams. Klein stressed the importance of the relationship. Jones distinguished psychoanalytic symbol of other forms of indirect representation as metaphors. Similarly, Blum distinguished psychoanalytic symbol of words. Segal presents the symbolic relation as a relation to three rather than two, a relationship between symbol, symbolized and symbolizing a person to whom the other. We will seek to realize the path between Freud and Segal.

Key-words – Symbolism, symbolic relation, symbolic function

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| RESUMO..... | iii |
| ABSTRACT..... | iv |
| I-INTRODUÇÃO..... | 1 |
| II-SIMBOLISMO EOUTRAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO INDIRECTA..... | 2 |
| III-TEORIA DE SIGMUND FREUD..... | 4 |
| Quais são então as características do simbolismo?..... | 5 |
| IV- ERNEST JONES – UM PSICANALISTA FREUDIANO..... | 9 |
| Símbolo Psicanalítico – Símbolo Verdadeiro..... | 10 |
| Génese do Simbolismo..... | 11 |
| O símbolo e outras formas de representação indirecta..... | 14 |
| V- HAROLD BLUM..... | 17 |
| Símbolo Psicanalítico..... | 17 |
| O Brincar..... | 19 |
| Desenvolvimento da criança..... | 19 |
| Crítica..... | 21 |
| VI- MELANIE KLEIN – ROTURA COM O PENSAMENTO FREUDIANO..... | 24 |
| Reformulação do conceito de Simbolismo em Klein..... | 24 |
| Caso Dick: Factos..... | 26 |
| Caso Dick: da incapacidade à capacidade de simbolizar..... | 28 |
| VII- HANNA SEGAL..... | 30 |
| Enquadramento..... | 30 |
| Simbolismo..... | 31 |
| Simbolização – Uma relação a três..... | 32 |
| Equação simbólica..... | 32 |

| | |
|---|-----------|
| VIII- SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS TEORIAS..... | 36 |
| Definição do Conceito..... | 36 |
| Freud – O símbolo e os sonhos..... | 36 |
| Jones – Continuação de Freud..... | 38 |
| Blum – Entre Freud e Klein..... | 39 |
| Klein – Rotura com o pensamento Freudiano..... | 40 |
| Segal – Seus contributos para o pensamento Kleiniano..... | 41 |
| Diferenças entre Freudianos e Kleinianos..... | 43 |
| | |
| IX- CONCLUSÃO..... | 45 |
| | |
| X- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 48 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende fazer uma revisão teórica do conceito simbolismo, desde o início da sua teorização até ao modo como o conceito é compreendido actualmente. A motivação para este trabalho é o interesse que o conceito despertou em mim, nomeadamente a sua relação com a sublimação e a sua importância no desenvolvimento do sujeito. Assim, o aprofundar de conhecimentos sobre o conceito seria motivador e incentivador da evolução profissional. Pretende-se, portanto, fazer uma síntese da evolução do conceito e da sua compreensão actual, bem como explorar as diferentes concepções dos autores sobre o simbolismo.

O presente estudo será iniciado com uma revisão teórica sobre o simbolismo, centrada nas concepções e contributos teóricos de S. Freud, E. Jones, M. Klein, H. Segal e H. Blum. Pretendemos perceber o desenvolvimento que o conceito sofreu, compreender os processos psíquicos inerentes ao processo simbólico e como a sua concepção actual foi influenciada pela teoria da relação de objecto.

Primeiro serão analisadas as teorias de Freud e Jones, muito próximas a nível conceptual, em que o simbolismo é utilizado num sentido restrito, sentido esse que diferencia o simbolismo psicanalítico de outras formas de representação indirecta. Para os autores o simbolismo é um produto do recalçamento e os símbolos já se encontram presentes no inconsciente do sujeito através dos mitos, dos contos populares, do folclore, das expressões idiomáticas, entre outros. Serão depois analisadas as teorias de Klein e com Segal que o conceito vai sofrer alterações significativas, aproximando-se de como é hoje aceite o conceito. Propõem uma utilização alargada do conceito e assinalam a importância das relações de objecto na formação de símbolos.

A teoria de Blum é um resultado destas duas diferentes concepções do simbolismo. Defende uma utilização mais abrangente do conceito, diferenciando também o simbolismo de outras formas de representação indirecta, nomeadamente dos signos, mas defende que a criação simbólica é um produto da subjectividade.

Outro ponto bastante importante para os autores é a relação entre o simbolismo e a sublimação.

Após a revisão teórica do conceito será apresentado um texto criativo e crítico das diferentes teorias, expondo os seus pontos comuns, bem como as suas diferenças.

SIMBOLISMO E OUTRAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO INDIRECTA

O simbolismo inconsciente não deve ser confundido com a função simbólica da linguagem ou com outras formas de representação indirecta, como a metáfora. Outras formas de representação indirecta são, erradamente, apelidadas de simbólicas, tal como os códigos, os emblemas ou os signos. O signo é normalmente usado como um termo genérico em semiótica, em que, no caso, pode designar signos, sinais ou símbolos semânticos. Os signos são caracterizados tipicamente por contiguidade ao seu referente e, os sinais, por similaridade. Mas ambos podem ser confundidos com diferentes formas de simbolismo.

É necessário fazer uma divisão esquemática entre as diferentes formas de simbolismo para manter algum grau de precisão conceptual. As representações simbólicas são comparações implícitas e representações indirectas ou disfarçadas.

A linguagem tem como base a comunicação normal com significados consensuais e convencionais e símbolos verbais e não-verbais, designados arbitrariamente e que são aprendidos e ensinados. A criança está pré-adaptada ao desenvolvimento da linguagem, apesar desta, como função relativamente autónoma do ego primário, necessitar da introdução de um diálogo na “língua-mãe”. Não existe similaridade perceptiva na linguagem entre o significante e o significado. A linguagem normal existe para efeitos de comunicação e permite a formulação de novas relações e de significados mais complexos de processos simbólicos mais primitivos. A comunicação consciente pode também ter significados simbólicos inconscientes de forma que se possa inferir múltiplos níveis de significado. A aquisição e o domínio da linguagem envolvem processos idiossincráticos de associação de estímulos sensoriais com símbolos linguísticos convencionais que são aprendidos socialmente.

Ao contrário dos símbolos psicanalíticos, a palavra não tem nenhuma relação perceptiva com a coisa que significa. A linguagem é governada por convenções, formas perceptivas, semântica e regras de sintaxe, as quais não estão associadas com o simbolismo analítico inconsciente. A linguagem diferencia a expressão simbólica inconsciente de fantasias, da realidade, uma vez que a palavra promove o teste da realidade.

A linguagem é, originalmente, auditiva-vocal, enquanto a visão desempenha um papel importante na formação dos símbolos psicanalíticos. A linguagem verbal permite uma separação e exploração maior do que a possível, quando a ligação ao objecto requer contacto visual ou tátil. Formas emergentes de linguagem e de processos simbólicos podem ser vistas como interdependentes com o processo de separação-individação.

A regulação da linguagem e a função comunicativa da palavra e dos gestos pode ser perdida ou alterada em estados regressivos e em conjunção com perturbações da compreensão. E

é em estados regressivos que as expressões simbólicas psicanalíticas e o uso das palavras com significado simbólico inconsciente emergem.

TEORIA DE SIGMUND FREUD

Freud começou a debruçar-se sobre o simbolismo onírico ao aperceber-se que, nos sonhos de seus pacientes (e até nos seus), estes não tinham qualquer associação em resposta a determinados elementos de seus sonhos. Chamou-lhes elementos mudos. Aliás, este foi um dos conceitos no qual Freud teve mais dúvidas e mais reviu. Note-se que a *Interpretação dos Sonhos* data de 1900 e a sua conferência sobre o simbolismo nos sonhos é de 1916.

A deformação que ocorre nos sonhos resulta de uma actividade censora contra impulsos inaceitáveis à consciência da pessoa (Freud, 1916). A censura não é, no entanto, o único factor responsável pela deformação dos sonhos. Não estaríamos em condições de entender os sonhos, mesmo que a censura onírica não estivesse presente. O sonho manifesto ainda não seria idêntico aos pensamentos oníricos latentes. Freud apercebeu-se disso, não na análise dos seus pacientes, mas na interpretação de sonhos de pessoas normais e até dos seus. “Esse evento indesejado ocorre regularmente em conexão com determinados elementos oníricos, e começamos a reconhecer que um novo princípio geral está em vigor, onde começávamos a pensar que apenas se nos antepunha uma excepcional falha da técnica” (Freud 1916, p. 150).

Freud começou a analisar estas falhas. Chamou a essas faltas de associações de elementos mudos do sonho. Freud substituiu esses elementos mudos do sonhador, baseando-se na sua experiência. Consciencializou-se que esses elementos mudos ocorrem com determinados elementos oníricos, sendo então fundamental substituí-los por outros elementos, traduzi-los. Uma espécie de troca directa de um elemento por outro. Após essa tradução o sonho começava então a ter um sentido adequado. Esta técnica difere da técnica de interpretação baseada na associação livre, pois esta técnica de interpretação simbólica baseia-se numa substituição de um elemento do sonho, o símbolo por outro, o simbolizado.

Freud é levado a reservar ao simbolismo um lugar à parte tanto na teoria do sonho e das suas produções do inconsciente, como na prática da interpretação. “Ainda que a censura dos sonhos não existisse, nem por isso o sonho seria mais inteligível” (Freud 1900, p. 318). O sentido dos símbolos escapa à consciência, mas esta característica inconsciente não é explicável pelos mecanismos do trabalho do sonho. Freud indica que as comparações não se efectuem de cada vez à medida das necessidades, mas são feitas de uma vez por todas e estão sempre prontas. Daqui resulta que existiriam duas espécies de interpretação do sonho: uma apoiando-se nas associações daquele que sonha e a outra independente delas, a interpretação dos símbolos.

Consegue-se, assim, traduções uniformes para numerosos elementos oníricos. Uma relação constante desse tipo entre um elemento onírico e a sua versão é a relação simbólica, e o

elemento onírico propriamente dito, um símbolo do pensamento onírico inconsciente (Freud, 1916, p. 150).

No entanto, Freud nunca pretendeu substituir a associação livre por esta tradução dos símbolos. Esta técnica complementa a técnica associativa e produz resultados que apenas possuem utilidade quando subordinada a estas, uma vez que as associações de ideias do analisando proporcionam ao analista um conhecimento preciso da sua situação psíquica.

Segundo Freud (1916), se estivermos familiarizados com os símbolos oníricos comuns, com a personalidade do sonhador, as suas circunstâncias de vida e as impressões que precederam o sonho, então pode-se interpretar o sonho com segurança (como uma tradução). Freud afirma isto não apenas em relação à interpretação dos símbolos, mas também em relação à interpretação baseada na associação livre.

O conceito de símbolo transfigura-se gradualmente em noções como as de substituição, representação ou mesmo alusão. O simbolismo pode usar estas noções para esconder o verdadeiro sentido do sonho. Por exemplo, a nudez pode ser simbolizada por vestuário. São noções às quais se deve ter em atenção para descobrir o significado latente de um sonho.

Quais são então as características do simbolismo?

O simbolismo é um modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente. Essa constância encontra-se, não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo para o outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre si.

Para Freud (1900) os símbolos são versões constantes, ou seja, a relação entre símbolo e simbolizado é fixa, universal que, inclusive, permitem interpretar sonhos sem fazer perguntas ao sonhador (este também não teria uma resposta pois é inconsciente). Ou seja, os símbolos não dependem das características subjectivas do sujeito.

Para Freud a relação simbólica é uma comparação. Mas é uma comparação muito especial pois tem muitas limitações. Nem tudo o que pode ser comparado num sonho é simbolizado. Além disso um sonho não simboliza cada elemento possível dos pensamentos oníricos latentes mas apenas alguns pensamentos (Freud, 1916). Para Freud apenas alguns elementos dos sonhos precisam ser simbolizados. Não são simbolizados todos os elementos que podem ser comparados. Depreende-se que são simbolizados aqueles elementos que seriam intoleráveis à consciência. Podemos interrogar em que condições o aparelho psíquico opta pelo simbolismo? Parece que esta questão não é clara na obra de Freud.

Sendo uma comparação parece estranho que o sonhador, por um lado, não tenha uma associação, e por outro lado, usando um símbolo, não reconheça esse mesmo símbolo.

É como se o que Freud chama de simbolismo fosse antes uma resistência do sonhador, uma vez que ele não reconhece o símbolo com o simbolizado. É uma linguagem que ele não entende. E o analista funciona como o especialista que traduz esse símbolo, que rompe com a resistência do sujeito e que dá sentido ao sonho. (Neves, 2007)

Mas se o sonhador utiliza o símbolo porque não o reconhece ele como tal? Como é que o sonhador substitui o simbolizado pelo símbolo se não conhece o significado do símbolo? E como é que se chega a conhecer o significado destes símbolos oníricos, para os quais o próprio sonhador não dá qualquer associação? Para Freud a resposta encontra-se em diversas fontes tais como os contos de fada, os mitos, as anedotas, o folclore, as expressões idiomáticas, poéticas e coloquiais que estão presentes nas nossas culturas desde sempre e que são transgeracionais. O símbolo em Freud é universal e transgeracional. Todas as pessoas o têm presente no seu inconsciente por via das diversas fontes anteriormente mencionadas. “As coisas que estão simbolicamente ligadas, provavelmente estiveram unidas em épocas pré-históricas pela identidade conceitual e linguística” (Freud, 1900, p. 346). O sonhador tem à sua disposição uma forma de expressão que ele desconhece na vida desperta e não reconhece (Freud, 1916). E o sonho faz uso desse símbolo para representar algo que não é tolerável à consciência. Tem também um significado fixo. Um guarda-chuva representa o pénis; subir umas escadas representa a cópula. “...tais relações simbólicas não constituem peculiaridade do sonhador ou da elaboração onírica, através da qual elas adquirem expressão. Esse mesmo simbolismo é empregue por mitos e contos de fadas, pelas pessoas nos seus ditados e nas suas canções, pelo uso idiomático coloquial e pela imaginação poética” (Freud, 1916, p.167).

Freud explica o porquê da relação entre o simbolismo e a sexualidade baseado no trabalho do filólogo Sperber (1912) que afirmou que as necessidades sexuais desempenharam o papel principal na origem e no desenvolvimento da linguagem (Freud 1916). Segundo o autor, os sons originais da linguagem destinavam-se à comunicação e atraíam o parceiro sexual; a evolução ulterior das raízes linguísticas acompanhou as actividades laborais do homem primitivo. Essas actividades eram executadas em comum e acompanhadas por expressões ritmicamente repetidas. Assim, permaneceu vinculado ao trabalho um interesse sexual. O homem primitivo tornou o trabalho aceitável tratando-o como equivalente e substituto da actividade sexual. As palavras enunciadas durante o trabalho em comum tinham dois significados: designavam actos sexuais e também a actividade laboral que a estes se equiparava. Com o decorrer do tempo as palavras desvincularam-se da significação sexual e fixaram-se no trabalho. Em gerações posteriores a

mesma coisa aconteceu com as palavras novas, que tinham significado sexual e eram aplicadas a novas formas de trabalho. Deste modo, numerosas raízes de palavras foram formadas, todas elas de origem sexual, perdendo subsequentemente o seu significado sexual.

As coisas representadas simbolicamente nos sonhos não são muitas. É representado o corpo humano como um todo, os pais, os filhos, irmãos e irmãs, nascimento, morte. Alguns exemplos: uma casa com paredes lisas representa o homem enquanto se a parede tiver saliências representa a mulher. Os pais podem aparecer como imperador e imperatriz, rei e rainha ou outras figuras de autoridade. Os filhos, irmãos e irmãs são representados com muito menos ternura sendo simbolizados como pequenos animais ou bichinhos. O nascimento é representado por algo em conexão com a água e a morte é simbolizada por uma viagem.

No entanto, no sonho não são muitos os símbolos para representar a ideia simbolizada. Isso acontece apenas no campo da sexualidade, onde há muitos símbolos que representam a sexualidade (os genitais, os processos sexuais, a relação sexual), sobretudo símbolos para o órgão masculino.

Os genitais masculinos são representados nos sonhos de inúmeras maneiras que devem ser chamadas de simbólicas pela semelhança das suas formas (ex. bengalas, guarda-chuvas, árvores) ou pela característica de penetrar no corpo (ex. facas, sabres, pistolas) ou objectos que deitam água (torneira, regador, chafariz) ou que voem (balões, zepelins, aviões).

Os genitais femininos são representados por objectos que possuem um espaço que possa conter coisas dentro de si: vasos, garrafas, caixas, malas, estojos, cofres, barcos; portas e portões também são símbolos do orifício genital. Os seios também devem ser incluídos nos genitais: maçãs, peras e frutas em geral. Os pelos púbicos de ambos os sexos são representados por florestas e moitas. A masturbação pode ser representada por tocar piano ou outro instrumento.

O acto sexual em si, curiosamente, não costuma ser muito representado ao contrário do esperado. É simbolizado por actividades rítmicas como o dançar, cavalgar, subir. Este é algum do material que, segundo Freud, o simbolismo se serve nos sonhos.

Esquematisando as características dos símbolos em Freud:

1. Eles aparecem na interpretação do sonho como elementos mudos. Segundo Freud esta característica não se explica pela resistência ao tratamento mas especifica o modo simbólico da relação;
2. A essência do simbolismo consiste numa relação constante, fixa e universal entre um elemento manifesto e a sua ou as suas traduções. Esta constância reencontra-se não apenas nos sonhos mas em domínios de expressão muito diversos (mitos, folclore, religião, etc.) e em áreas culturais distantes entre si. Ela escapa às influências da iniciativa

individual; esta pode escolher entre os sentidos de um símbolo mas não pode criar-lhe novos sentidos;

3. Esta relação constante baseia-se na analogia (forma, grandeza, função, ritmo, etc.);
4. Há muitos símbolos mas o campo do simbolizado é limitado;

O simbolismo é, então, um segundo factor de deformação dos sonhos. Não sabendo, apesar de tudo, se este é independente da censura ou se a censura faz uso do simbolismo para tentar desempenhar a sua função com sucesso: emprestar um carácter estranho ao sonho. No entanto, acaba por ser o simbolismo a quebrar com a censura, pois este pode ser decifrado por um psicanalista que lhe dá sentido e devolve-o ao sonhador, devidamente desintoxicado.

Freud teve um papel preponderante no conceito de simbolismo, uma vez que se apercebeu que o indivíduo fazia uma substituição de alguns elementos por outros nos sonhos. Começou assim a falar de uma relação simbólica entre dois elementos, em que um, o símbolo, substitui o outro, o simbolizado. Mas, do meu ponto de vista, o limitar do conceito ao campo dos sonhos foi o seu principal defeito. Além disso, deixou muitas questões sem resposta. Como é que é feita a selecção de um símbolo em vez de outro? Será essa escolha baseada nos acontecimentos do dia que precedeu o sonho? Freud nunca explica estas questões. Dá uma explicação mas nada aprofundada, não tomando partido em absoluto sobre estas questões, emitindo apenas a hipótese de uma herança filogenética.

Outra falha de Freud foi ver no simbolismo um carácter objectivo, universal, fixo, constante. Com estas características, o simbolismo só teria como função ocultar o verdadeiro sentido do sonho. Será essa a função do simbolismo? Parece demasiado redutor. Aliás, as características com que Freud define o simbolismo assemelha-se mais ao conceito de signo que de simbolismo. O signo é que pode ter um carácter objectivo, constante, fixo, universal, intemporal. O símbolo será mais da ordem do subjectivo.

Não obstante, Freud teve a capacidade de se aperceber desta relação que o indivíduo faz entre dois elementos, abrindo um campo a futura pesquisa e teorização.

ERNEST JONES – UM PSICANALISTA FREUDIANO

Jones manteve a distinção entre um sentido lato e um sentido restrito, como já antes o fizera Freud. Relembrando, em sentido lato define-se simbolismo como “um modo de representação indirecta e figurada de uma ideia, de um conflito, de um desejo inconsciente; neste sentido, podemos em psicanálise considerar simbólica qualquer formação substitutiva.” (Laplanche e Pontalis, 2001); em sentido restrito, define-se como “modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre o simbolo e o simbolizado inconsciente; essa constância encontra-se, não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo para o outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre si.” (Laplanche e Pontalis, 2001).

O objectivo principal de Jones foi discriminar um sentido restrito e exclusivamente psicanalítico e distingui-lo das demais formas de representação indirecta, tais como as símiles, metáforas, alegorias, alusões e outras formas de representações pictóricas. Segundo Jones (1916), estas formas de representação indirecta correspondem ao sentido lato do conceito, tal como o signo.

Todo o simbolismo é resultado de uma incapacidade de apreensão. A origem desta incapacidade pode ser afectiva ou intelectual. Assim, a mente reverte para um processo mental mais simples. O simbolo é um processo mental que requer muito pouco esforço uma vez que é sensorial (visual na sua maioria) e concreto.

Quais são então as características do símbolo para Jones? Segundo o autor é importante definir as características do símbolo para se poder avançar para uma definição mais precisa do conceito. Para Jones (1916) essas características são:

1. O símbolo é um representante ou um substituto de uma outra ideia que ganha um significado secundário – esta alteração de significado parte de uma ideia primária para outra secundária (uma ideia mais essencial é simbolizada por outra menos essencial);
2. Representa o elemento primário devido a características que ambos partilham;
3. O símbolo é caracteristicamente sensorial e concreto enquanto a ideia que representa pode ser relativamente abstracta e complexa – o símbolo tende a ser mais condensado que a ideia que representa;
4. Os modos de pensamento simbólico são os mais primitivos e representam uma reversão para um estágio precoce de desenvolvimento mental mais simples;
5. O símbolo é uma expressão manifesta de uma ideia que está escondida ou secreta – o sujeito não tem consciência do que o símbolo representa;
6. Os símbolos são espontâneos, automáticos, inconscientes.

Estas características enumeradas por Jones correspondem ao sentido lato do conceito, ao que habitualmente se denomina por símbolo ou simbólico. Quanto mais abrangente for o sentido no qual a palavra símbolo é usada, melhor se percebe o seu sentido e mais facilmente é aceite uma interpretação. Se o sentido for mais restrito, o indivíduo não tem noção do seu significado e rejeita a interpretação.

No entanto, mesmo após ter enumerado estes seis atributos do símbolo, estes continuam a aplicar-se a um considerável número de diferentes processos mentais – representação figurativa indirecta.

A tese de Jones é que o verdadeiro simbolismo, no sentido restrito é diferente de outras formas de representação indirecta.

Símbolo Psicanalítico – Símbolo Verdadeiro

O verdadeiro simbolismo, para Jones, é uma variável do grupo da representação indirecta que agrega em si seis atributos, que o distingue do resto do grupo.

São eles (Jones, E. 1916):

1. Representação de material inconsciente – o afecto que investe o conceito está num estado de repressão e é inconsciente. O processo de simbolização desenvolve-se inconscientemente e o indivíduo não se apercebe do significado do símbolo utilizado (pode nem se aperceber que utilizou um símbolo pois este é confundido com a realidade);
2. Significado constante – A sua principal característica é a constância nos diferentes campos do simbolismo, sonhos, mitos e nas diferentes pessoas. Um símbolo pode ter múltiplos significados. Nesse caso a interpretação dependerá do contexto, das associações e do restante material disponível.
3. Independência dos factores individuais condicionantes – o simbolismo não é condicionado apenas por factores individuais; o indivíduo não tem um campo ilimitado de escolha na criação de um símbolo. Os factores determinantes mais importantes são comuns à espécie humana. O indivíduo não pode escolher qual a ideia que vai ser representada por um determinado símbolo; ele pode escolher qual o símbolo de entre os possíveis, que será usado para representar uma certa ideia (por razões pessoais, segundo Jones, um indivíduo pode usar um símbolo que mais ninguém usou como símbolo para representar uma ideia – não poderá, no entanto, atribuir a um símbolo habitual um significado diferente de toda a gente);
4. Base evolutiva – aspecto genético do simbolismo

5. Conexões linguísticas – no simbolismo, o inconsciente faz uso de comparações entre duas ideias que não ocorreriam na mente consciente; no estudo da semântica, apesar da palavra que indica o símbolo poder não ter conotação com a ideia simbolizada, a história mostra sempre, posteriormente, alguma conexão;
6. Paralelos filogenéticos – uma das grandes características do verdadeiro simbolismo é a notável omnipresença dos mesmos símbolos entre diferentes raças e em diferentes épocas da história mundial.

Aqui Jones já está a delimitar o conceito, a usá-lo num sentido restrito. Segundo Jones o símbolo é inconsciente, é universal e intemporal, é independente da subjectividade de cada pessoa e tem sempre uma conexão com a ideia simbolizada.

Com estes seis atributos específicos está formulada uma concepção do simbolismo, distinta de outras formas de representação indirecta.

O número de símbolos é muito grande, talvez milhares, enquanto o número de ideias simbolizadas é muito limitado. Todos os símbolos representam ideias do self (do corpo como um todo ou das diferentes partes deste, exceptuando a mente) e da família directa (pais, irmãos e filhos, bem como várias partes dos seus corpos), do nascimento (ideias de dar à luz e de nascer), do amor e da morte (a ausência, sempre dos outros, nunca nossa - segundo Jones a ideia da nossa própria morte é intolerável até para o inconsciente) ou seja, representam as ideias e os interesses mais primitivos.

Segundo Jones (1916), o simbolismo sexual é o mais vasto e variado (a maior parte dos símbolos existentes são deste campo). Há mais símbolos do órgão sexual masculino do que todos os outros símbolos juntos. Para Rank e Sachs (1913) “A prevalência de significados sexuais no simbolismo não é explicada pela experiência do indivíduo que não há outro instinto sujeito a tão grande pressão social e com gratificação directa como o instinto sexual – um instinto construído de componentes multiformes “perversos” e cujo domínio mental, o erótico, é extensamente susceptível, e necessita de representação indirecta. Muito mais significativo para a génese do simbolismo é o facto filogenético que nas civilizações primitivas era dada uma importância aos órgãos sexuais e às suas funções, que para nós são violentas e através das quais podemos formar uma ideia aproximada dos resultados das investigações antropológicas, permanecendo as pistas nos cultos e mitos.” (Jones, 1916, p.133)

Génese do Simbolismo

Após perceber a natureza e as características do simbolismo, Jones pretende discutir a sua génese. O seu ponto de partida é que o simbolismo é uma comparação entre duas ideias,

estabelecida inconscientemente, em que a ideia secundária pode substituir, e portanto representar a ideia primária. Daqui surgem duas questões: porque é que são identificadas duas ideias que o consciente não acha similares? E porque é que uma ideia simboliza a outra e nunca é ao contrário?

Para Jones, a resposta à primeira pergunta reside no facto de que é a mente primitiva (inconsciente) que faz essa comparação, não a mente do adulto (consciente). A conclusão de Jones baseia-se em tudo o que o autor sabe sobre o simbolismo, isto é, o tipo de processo mental, a antiguidade dos símbolos actuais, Segundo Jones, até os poucos símbolos construídos pela mente adulta são criados pela mente primitiva que persiste ao longo da vida inconscientemente. Jones põe nesta questão uma característica do símbolo: a actividade de simbolizar cessa na vida adulta. Todas as nossas relações simbólicas são formadas, segundo Jones, na vida infantil. Porque para Jones, a base do simbolismo é uma identificação feita numa fase precoce da vida. Diz Jones: “a tendência da mente primitiva para identificar diferentes objectos e fundir diferentes ideias, de reparar nas semelhanças e não nas diferenças é uma característica universal” (1916, p.115). Segundo Jones (1916) existem três factores que explicam a tendência da mente primitiva para a identificação:

- Incapacidade da mente para discriminar - No entanto o bebé é capaz de discriminar entre por exemplo dois bonecos em que um é o seu preferido e o outro é ignorado. Isso prova que a mente primitiva consegue discriminar. É verdade que a mente primitiva muitas vezes parece não ser capaz de discriminar mas não porque não o consiga porque quando quer fá-lo de uma forma notável;
- O princípio do prazer (1) – a mente primitiva rege-se por este princípio e repara sobretudo no que mais lhe interessa pessoalmente, o que lhe é mais prazeroso. Assim, são identificadas ideias consoante o prazer ou a dor que proporcionam – mas Jones questiona se os interesses da mente primitiva serão os mesmos da mente adulta? No entanto diz-nos Jones que a actividade de simbolizar cessa na mente adulta, logo mesmo os interesses sendo diferentes, é a mente primitiva que faz as identificações que conduzem à simbolização.
- O princípio do prazer (2) – quando uma nova experiência é apresentada à mente, é mais fácil perceber os pontos comuns, as semelhanças entre essa nova experiência e experiências anteriores;
- O princípio da realidade – a apreciação das semelhanças facilita a assimilação de novas experiências. A tendência nessas situações é ligar a nova com a velha experiência em busca de elementos comuns. Se tal tarefa for conseguida, então a nova experiência pode

ser percebida e ocupar o lugar da antiga – este processo de identificação, segundo Jones, ajuda o sentido de realidade.

Qualquer um destes factores é principalmente mais afectivo do que intelectual.

A segunda pergunta, porque é que uma ideia simboliza a outra e nunca é ao contrário, derruba a hipótese do simbolismo dever-se a uma insuficiência perceptiva porque senão uma ideia simbolizava uma outra ideia, mas essa outra ideia também simbolizaria a primeira. Para ser mais claro, uma torre num sonho pode simbolizar um falo; mas um falo nunca simboliza uma torre. Segundo Ferenczi (1916) uma coisa é confundida com outra apenas porque estão presentes certos motivos para isso. A similaridade apenas oferece a oportunidade para esses motivos funcionarem.

Quais são então esses motivos? Para Jones (1916) são duas as hipóteses estando elas interligadas:

- As ideias simbolizadas são as mais primordiais que possam ser concebidas e são investidas com os interesses primários mais fortes;
- Vinculando-se a elas, todos os processos afectivos e conotativos são poderosos, estando num estado de repressão física, estando por isso inibidos de entrar na consciência e de se expressarem externamente – são os processos mentais mais reprimidos.

Estas hipóteses são levantadas por Jones devido à sua prática clínica. Quando uma tendência afectiva forte é recalcada provoca uma fusão entre o recalcado e as tendências de recalcar, tendo como resultado uma formação substitutiva – bom exemplo disso são os sintomas neuróticos. Segundo Jones (1916), os símbolos são desta natureza pois são compostos por elementos conscientes e inconscientes – o simbolismo desempenha um papel importante nos sintomas neuróticos (por exemplo, a angustia de castração pode resultar numa fobia de cegueira, sendo o olho o símbolo fálico). O simbolismo é o resultado de um conflito intrapsíquico entre as tendências de recalcar e o recalcado.

Ferenczi (1916) define símbolo como ideias investidas conscientemente com afectos infundados, tendo elas este afecto exacerbado devido a identificações inconscientes com outra ideia à qual o afecto corresponde realmente. Assim sendo, nem todas as comparações (figura de estilo) são símbolos, mas apenas aquelas em que uma parte da equação é recalcada para o inconsciente.

Seguindo este raciocínio de Ferenczi (1916), diz Jones (1916) que as primeiras ideias de vida, as únicas que podem ser simbolizadas - o self, relação com a família, nascimento, amor e morte – permanecem, com a sua importância original, no inconsciente durante a vida e daí advêm o interesse secundário da mente consciente. Como a energia flutua desse interesse primário para o

interesse secundário, e nunca é ao contrário, e como o interesse primário constitui a parte mais recalcada da mente, é compreensível que o simbolismo seja unidireccional, ou seja, vá do interesse primário para o secundário e nunca ao contrário. Só o que é recalcado é simbolizado, só o que é recalcado necessita ser simbolizado.

Segundo este ponto de vista de Jones (1916) e também de Ferenczi (1916), só o que precisa ser recalcado é simbolizado. Então e o objecto transicional, ao qual a criança se agarra com representações maternas? Será que o brinquedo não tem um valor simbólico? Será preciso recalcar o sentimento que a ausência da mãe provoca, ou o brinquedo é usado para que essa ausência e esse sentimento sejam suportáveis? Do meu ponto de vista, esta noção de que só o que é recalcado é simbolizado parece-me bastante redutora. Redutora no sentido que só é analisado o símbolo na vida onírica – como acesso ao inconsciente.

O símbolo e outras formas de representação indirecta

Esta noção de símbolo descrita até agora está, para Jones, incompleta. O autor pretende diferenciar o símbolo de outras formas de representação figurativa.

A noção de símbolo, usada num sentido restrito, representa não só a ideia simbolizada mas também os afectos que lhe estão relacionados. A ideia secundária recebe o seu significado de uma ideia primária e funciona como equivalente simbólico desta, sendo utilizada onde deveria estar a ideia primária. Há uma transferência de sentimentos e interesses da ideia primitiva para a ideia secundária, podendo esta representar a ideia primária. Isto acontece porque há um inibidor afectivo em relação à ideia primária.

As diferenças entre o símbolo e outras formas de representação indirecta são qualitativas e quantitativas. As grandes características do simbolismo em sentido restrito, que difere de outros modos de representação indirecta, são o nível completamente inconsciente deste processo e o afecto que investe a ideia simbolizada não ser modificado qualitativamente como na sublimação.

Na comparação há uma ligação entre o objecto em questão e um outro que possui esse atributo – mas no caso do simbolismo uma ideia é completamente substituída por outra.

Uma ideia concreta é simbolizada sendo representada por outra ideia concreta que tem uma dupla relação com a primeira:

1. Uma relação objectiva – o objecto, ou processo, possui atributos materiais similares aos que possui a ideia simbolizada;
2. Uma relação subjectiva – os afectos em relação a esta são, nalguns aspectos, similares em relação à ideia primária.

O símbolo liga-se secundariamente, de forma associativa, com outras atitudes mentais derivadas da mesma fonte. Com o desenvolvimento mental estas tornam-se cada vez mais gerais e abstractas – todas as ideias abstractas são abstracções de ideias concretas e, em última instância, provêm delas. Até que, finalmente, vemos uma ideia concreta, originalmente usada para simbolizar uma ideia concreta recalcada, usada para exprimir um pensamento abstracto. Mas o símbolo não representa o abstracto através do concreto. Quer o símbolo, quer a ideia abstracta provêm do concreto.

Essa é a grande diferença entre símbolo e emblema. O emblema engloba uma (ou várias) ideia(s) abstracta(s). Por exemplo, a aliança é um emblema do casamento mas não é um símbolo do casamento. Nela estão associadas as ideias abstractas de fidelidade, continuidade, etc.

O símbolo é então um substituto de uma ideia primária, formada compulsoriamente como um compromisso entre a tendência do complexo inconsciente e de factores inibidores. À interpretação funcional importam as reacções conscientes e as sublimações do complexo inconsciente.

Jones (1916) debruça-se também sobre outro ponto importante do simbolismo, relacionado com o princípio da realidade (até agora analisou-se o símbolo na óptica do princípio do prazer) – a relação do símbolo com a ideia expressa. O inconsciente assimila material novo ligando-o a ideias já presentes e familiares. É assimilado o novo material nos pensamentos do inconsciente e o resultado é o aparecimento no consciente de um símbolo do pensamento inconsciente. A presença do símbolo, ou o uso simbólico do símbolo, previne a ideia de ser formulada. A mente assimila uma nova ideia em relação com certos complexos inconscientes, e todo o passo dado no progresso, na linha do princípio da realidade conota não apenas o uso de uma associação primordial, mas também uma renúncia parcial. Renuncia do factor pessoal e subjectivo em prol dos atributos objectivos da percepção do objecto.

A assimilação da nova percepção não leva ao simbolismo puro. Direciona a atenção e o interesse para a nova percepção mas devido a um processo de raciocínio em conjunção com os factos da realidade externa. Há uma renúncia, a favor do princípio da realidade, do prazer provocado pela facilidade do processo primitivo da total assimilação. Todo o progresso mental é acompanhado de renúncia a alguma forma primitiva de prazer.

Para Jones, o mesmo se aplica a estágios mais complexos no avanço do conhecimento (como as generalizações científicas) bem como a outras tendências e interesses. Estas podem ser vistas como sublimações de complexos inconscientes, desenvolvimentos fortemente modificados pelo contacto com a realidade externa e pela elaboração consciente. Tal como os símbolos, as

sublimações são o resultado do conflito entre os impulsos inconscientes e as forças inibidoras do recalçamento. No entanto símbolos e sublimação diferem:

- No símbolo, o significado do complexo original é mantido inalterável e é apenas transferido para a ideia secundária (o símbolo);
- Na sublimação a energia psíquica advém dos complexos inconscientes e é transferida para outro conjunto de ideias que têm os seus próprios significados independentes. Para Jones, também na sublimação a regressão pode levar ao verdadeiro simbolismo quando as ideias resultantes da sublimação perdem temporariamente o seu significado intrínseco e tornam-se símbolos do complexo do qual advém a sua energia. Nestes casos, diz Jones, tornam-se símbolos no sentido restrito e não simbolizam a sublimação. (Jones, 1916, p.143)

HAROLD BLUM

Outro psicanalista que vai teorizar sobre o simbolismo é Blum (1978). No seu artigo vai fazer uma revisão do conceito. Apoiando-se em Freud e também em Jones vai desenvolver a sua teoria, apesar de contestá-los nalguns pontos. Para Blum importa saber os processos simbólicos, bem como a formação simbólica e as diferentes formas simbólicas.

Blum procura definir o que é o símbolo psicanalítico e diferenciá-lo de outras formas de representação indirecta, tal como fez Jones. Diz Blum que o simbolismo psicanalítico tem um significado específico diferente do comum significado do simbolismo que se refere a todas as formas de representação indirecta. (Blum, 1978)

Símbolo Psicanalítico

Tal como para Freud e Jones, para Blum (1978) o símbolo psicanalítico deriva de conflitos inconscientes e está relacionado com o recalçamento: “o que não é recalçado não precisa ser simbolizado” (Blum, 1978, p.145). Ao contrário de Jones, Blum não achava que a formação simbólica como uma função defensiva fosse simplesmente um mecanismo do processo primário. Segundo Blum, o recalçamento não é a única defesa relacionada com a formação simbólica. O deslocamento, que pode ser utilizado pelo ego primitivo em seu proveito, está ligado à formação simbólica, bem como, provavelmente, outras defesas primitivas como o são a projecção e a introjecção. Para Blum, o simbolismo deriva das defesas primitivas da criança como o são o recalçamento, a projecção e a introjecção

Contrariamente às outras formas de representação indirecta, o símbolo psicanalítico não serve para efeitos de comunicação – tem um significado inconsciente. O simbolismo psicanalítico tem um significado específico, diferente do comum significado do simbolismo que se refere a todas as formas de representação indirecta. A representação simbólica mental aparece num espectro do processo primário e deriva para a simbolização mais abstracta. Parte do concreto para a progressiva abstracção. Blum levanta uma hipótese: o simbolismo psicanalítico ou é uma função do processo primário ou então está tão ligado com os mecanismos básicos do processo primário de condensação e deslocamento que aparece como um mecanismo paralelo do processo primário. O sistema simbólico primário inconsciente facilita a substituição e a eventual sublimação, deslocando os conflitos instintivos dos alvos e objectos primários, e investindo o mundo inanimado e animado com significados inconscientes. O simbolismo é também visto como promotor de uma ligação entre o ego e o mundo externo da criança, uma vez que promove a sublimação. No entanto, o significado potencialmente adaptativo do simbolismo inconsciente, não conta *per se* para neutralizar, identificar e transformar progressivamente o conflito. Isto

porque a simbolização seria apenas um factor no desenvolvimento e no complexo processo de sublimação. Aqui o autor distancia-se de Freud e de Jones, estando mais próximo da definição alargada do conceito.

O desenvolvimento dos símbolos está relacionado com o desenvolvimento do ego, uma vez que o processo de formação simbólica pressupõe algum grau de desenvolvimento do ego e também as funções de percepção e memória. Este aspecto do simbolismo psicanalítico liga-se com a teoria de Jones, segundo a qual o conflito, a ansiedade e outros afectos desprazerosos, bem como o recalçamento existiam antes, ou pelo menos, ao mesmo tempo que a formação simbólica. O simbolismo inconsciente está, assim, dependente do desenvolvimento do ego rudimentar.

É possível que a perda do objecto libidinal possa ser relevante para a formação simbólica. São os símbolos linguísticos e cognitivos do processo secundário que têm uma estreita relação com a estruturação e com o desenvolvimento do ego.

Os símbolos no sentido psicanalítico comportam uma relação com o recalçamento, a existência do mundo objectal, e o início da separação do Eu do não-Eu, bem como a discriminação das diferentes partes do corpo e também a discriminação das diferentes partes dos objectos, dos objectos no seu todo. O simbolismo inconsciente ocorre por deslocamento da matriz do ego e dos objectos primários para substitutos progressivamente mais gerais e abstractos. Também neste ponto Blum difere da teoria freudiana, pois temos uma articulação mais objectal e menos pulsional.

O símbolo psicanalítico tem origens perceptivas e sensoriais. Há, normalmente, uma associação perceptiva entre o símbolo manifesto e a sua referência latente, ou seja, há uma relação entre o significante e o significado. O símbolo manifesto é consciente e tem um significado diferente do seu referente inconsciente. O que é significado é de suma importância e pode ser expresso através de diferentes significantes. O que é significado é a coisa real. Só o essencial é significado.

O símbolo analítico representa, disfarçadamente, ideias e os afectos a elas associados, e referem-se sempre ao Ego, aos alvos e objectos dos instintos infantis e às zonas erógenas e suas funcionalidades. O símbolo é formado por deslocamento do corpo ou do objecto, para uma zona neutral com menor importância como objecto de percepção, diminuindo assim a ansiedade.

Juntamente com os sonhos, a expressão simbólica inconsciente era a via principal da interpretação no início da psicanálise e permitia um acesso rápido aos conflitos inconscientes e às fantasias. A ambiguidade e sobredeterminação do simbolismo inconsciente indicam que a interpretação simbólica terá múltiplos significados.

O Brincar

O brincar simbólico reflecte a evocação do objecto-do-self ausente, e a internalização do self e da representação do objecto. A mãe não é simbolizada conscientemente no jogo, mas o brinquedo pode ser considerado um símbolo da mãe. O próprio símbolo torna-se numa presença mental do objecto que é recalcado, e não numa ausência na realidade externa. A criança tenta controlar a ausência da mãe sem protestar.

Segundo Winnicott (1967), o objecto transicional é uma criação que marca o aparecimento do processo simbólico. O primeiro “eu não” é também o primeiro uso do símbolo por parte da criança, e surge quando a continuidade mãe-criança torna-se uma contiguidade diádica. A formação deste símbolo ocorre durante a diferenciação, a sub-fase da separação-individuação, quando as crianças manifestam que se ligam a objectos transicionais. Segundo Winnicott (1967) a formação simbólica estaria então na segunda metade do primeiro ano de vida.

Para Blum (1978), o objecto transicional do fim do primeiro ano de vida, é transicional e pré-simbólico na sua forma inicial. Na representação transicional o self e os objectos, tal como o significado e o significante, estão ainda fundidos e confusos. A atribuição a um objecto inanimado de significado de substituto do objecto do self, é um acto criativo que demonstra uma incipiente representação mental simbólica. O objecto transicional é uma ponte entre o reconhecimento do objecto para a representação. A criança caminha para a criação de representações simbólicas que diferenciam o significado do significante e que não precisam da sua proximidade temporal, espacial ou perceptiva.

Desenvolvimento da criança

A linguagem desenvolve-se e expande-se notoriamente pelo segundo ano de vida. O abanar negativamente a cabeça é o primeiro símbolo abstracto (Spitz, 1957) que aparece por volta dos 15 meses. O gesto da negação facilita a separação e a objectivação do self, bem como a aquisição paralela da comunicação semântica verbal.

Por volta dos 18 meses a criança consegue nomear objectos, reconhecer-se ao espelho e reconhecer as pessoas mais familiares em fotografias. A criança desenvolve expressões de intenção, julgamento e de auto-referência. As fantasias podem ser expressas no brincar simbólico e os desejos são especificados no discurso. A linguagem e os processos simbólicos de representação e de invenção passam por novos níveis de desenvolvimento por volta de metade do segundo ano de vida. O esforço na capacidade cognitiva e linguística nesta altura é de suma importância. Entre os 18 e os 21 meses a linguagem da criança rapidamente se expande de 20 para 200 palavras. Os níveis avançados do simbolismo semântico e de expressões simbólicas são

muito importantes para a crescente separação da criança, para atenuar a sua onipotência com um maior sentido de realidade, e para aumentar o processo de individuação da criança. A criança já não obedece simplesmente porque já consegue compreender e fazer perguntas simples. A capacidade de fazer perguntas usando palavras é uma nova conquista no seu desenvolvimento.

Os processos cognitivos e linguísticos são essenciais para esta fase do desenvolvimento, altura dos conflitos específicos da própria fase e das ferramentas para a sua resolução. A aquisição de uma estrutura linguística com representações simbólicas de objecto, de sujeito e da sua relação, corresponde à estruturação da psique. A constância do objecto é conseguida gradualmente com a realização virtual das regras e das formas gramaticais.

Blum (1978) levanta a hipótese do simbolismo psicanalítico se diferenciar numa fase mais precoce e coexistir com o processo secundário da linguagem e das formas simbólicas. O simbolismo do processo primário seria apenas perceptível através de directivas que surgem com a organização do ego. No entanto esta questão não deixa de ser problemática, pois o simbolismo psicanalítico inicia-se durante o final do primeiro ano da criança (fase oral). A formação simbólica põe em equação elementos do ego e do mundo objectal. A criança no primeiro ano de vida ainda não possui um ego desenvolvido e as funções rudimentares do ego e o recalçamento requerem um processo simbólico com características importantes.

Estudos sobre o simbolismo relacionado com a diferenciação do self-objecto incompleto e com o conflito oral, apontam para o provável aparecimento do simbolismo inconsciente após o objecto transicional e antes do não semântico e abstracto. Os primeiros símbolos inconscientes diferenciam-se de um complexo proto-simbólico no início do segundo ano, coincidente com o desenvolvimento de uma representação do objecto primário mais segura e estável, e com a sub-fase do processo de separação e individuação. A emergência definitiva dos processos simbólicos pode ser enquadrada no início do segundo ano de vida com os símbolos semânticos e com um aumento evidente do simbolismo psicanalítico à medida que o desenvolvimento prossegue. Na segunda metade do segundo ano de vida a criança já adquiriu funções e formas simbólicas.

Devido à escassa verbalização da criança, as inferências sobre o simbolismo inconsciente dependem da análise do comportamento das crianças, do brincar e do contexto no qual o simbolismo aparece.

A multiplicidade e a plasticidade das nossas capacidades simbólicas são uma diferenciação evolutiva que permitem a gratificação simbólica e a transformação do processo primário para a organização de avançados níveis de desenvolvimento do processo secundário. As capacidades para ter e interpretar símbolos inconscientes, para comunicar símbolos semânticos abstractos e

para usar símbolos conceptuais na investigação de processos simbólicos são fundamentalmente características do desenvolvimento humano.

Critica

Para Blum, seguindo as teorias de Freud e de Jones, o símbolo surge devido ao recalçamento. O que não é recalçado não precisa de ser simbolizado. No entanto, não é só o recalçamento a única defesa que promove o aparecimento do simbolismo. Tal como o recalçamento, outras defesas primitivas também têm influência, tal como os mecanismos de projecção e de introjecção. Por isso, o seu significado é inconsciente e, ao contrário de outras formas de representação indirecta como a linguagem, o simbolismo não serve para efeitos de comunicação. Para Blum, o simbolismo é um mecanismo do processo primário ou então, não o sendo, está intimamente ligado aos mecanismos do processo primário de deslocamento e condensação. (Blum, 1978)

Para Blum (1978), o simbolismo serve para efeitos substitutivos e sublimatórios. Ou seja, através do simbolismo a criança desloca os conflitos instintivos para novos objectos, neutros, que, investidos com uma carga afectiva inconsciente, tornam-se do seu interesse. Sendo neutros, diminui a ansiedade. No meu ponto de vista, a profissão que determinada pessoa escolhe na sua vida pode ter esta base, isto é, através da sublimação, uma nova área de interesse surge, associada inconscientemente a estes conflitos primários. Desta forma, promovendo a sublimação, o simbolismo é essencial para a integração da criança no mundo externo. Neste ponto da sublimação, Blum desenvolve melhor o tema do que Jones que aborda o assunto muito superficialmente. Também não nos podemos esquecer que para tal facto muito contribuíram as teorias de Klein sobre o símbolo.

O desenvolvimento dos símbolos necessita do desenvolvimento de certas capacidades do ego. Como vimos, ao aparecimento dos símbolos corresponde o aparecimento de conflitos, de ansiedade, de outros afectos desprazerosos e do recalçamento. Blum (1978) levanta a hipótese de ser a perda do objecto libidinal o propulsor do aparecimento do simbolismo uma vez que o simbolismo ocorre por deslocamento da matriz do ego e dos objectos primários para substitutos progressivamente mais gerais e abstractos. Parte do concreto para o abstracto. O simbolismo, para Blum apareceria então após a fase de diferenciação self-objecto. Os símbolos psicanalíticos surgem como resultado da interacção dos impulsos instintivos, das defesas e de outras funções do ego, com a experiência de desenvolvimento do bebé e da criança. Embora os símbolos psicanalíticos possam assumir significados adicionais em fases posteriores de desenvolvimento eles são essencialmente produtos de processos infantis. Estes símbolos surgem em conjunto com

o desenvolvimento do ego corporal e das relações de objecto. Espontâneos na origem e tipicamente sensoriais, os símbolos criam uma ponte entre o corpo e o mundo objectal primário.

Para Blum (1978) o símbolo representa inconscientemente ideias e os afectos a elas associados, e refere-se sempre ao ego, aos alvos e objectos dos instintos infantis e às zonas erógenas e suas funcionalidades.

Os símbolos psicanalíticos estão tipicamente ligados à realidade externa, perceptiva, manifesta na proximidade entre o símbolo e o que é significado. A imagem corporal e a superfície corporal são o lócus da representação simbólica inicial do eu e do objecto, que são, então, estendida ou projectados para outras áreas. Os símbolos surgem, assim, no potencial para outras áreas. Os símbolos, assim, surgem no espaço potencial entre o "eu" e o "não-eu", mais estreitamente relacionadas com o processo primário ao invés da linguagem verbal e do pensamento racional.

Para Blum (1978), este simbolismo deve, portanto ser distinguido de outras formas de representação indirecta, nomeadamente a linguagem. O simbolismo psicanalítico é independente da linguagem e da cultura, e tem formas e características universais bem como relações com o recalçamento e com as funções do ego arcaico.

Para Blum (1978), a linguagem tem o objectivo da comunicação, o que não acontece com o símbolo psicanalítico. Então como pode ser usado como forma de comunicação na análise? Além disso, o seu significado é convencional e consensual e a relação entre o símbolo (a palavra) e o seu significado é totalmente arbitrária. A linguagem é aprendida, enquanto o símbolo é subjectivo (o seu significado é privado). Foi convencionalizado que a palavra maçã significaria o fruto maçã. No entanto, não há qualquer ligação lógica entre ambas. No simbolismo psicanalítico, tal não acontece. Há sempre uma ligação perceptiva ou sensorial entre o símbolo e o que é simbolizado. Há uma relação entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente. Outra diferença é que o que é simbolizado é consciente e o símbolo é inconsciente. Na linguagem, quer a palavra quer o seu significado são conscientes. Outra diferença é que na linguagem a palavra corresponde a uma coisa e no simbolismo psicanalítico vários símbolos podem representar um objecto.

Os significados dos símbolos psicanalíticos são relativamente independentes do setting social, cultural ou histórico e não são ensinados, nem aprendidos. O simbolismo psicanalítico não é um produto da educação e evolui espontaneamente no desenvolvimento humano. Dado o fato de que esses símbolos são universais nos indivíduos, bem como multi-culturais, a capacidade de tais símbolos é inata, embora o seu desenvolvimento dependa do desenvolvimento humano e da experiência.

Tal como a linguagem, os signos e os emblemas diferem do simbolismo psicanalítico. O signo é caracterizado por contiguidade ao seu referente e os sinais por similaridade. Tal como a linguagem, o significado dos signos é convencional e consensual.

No entanto as palavras também podem ser símbolos. Por exemplo, na terapia analítica, as palavras são signos, isto é, têm um significado constante mas também são símbolos uma vez que podem ter significados inconscientes.

MELANIE KLEIN – ROTURA COM O PENSAMENTO FREUDIANO

É com Klein (1930) que o estudo do conceito do simbolismo verifica significativos avanços. A autora vai partir de pressupostos diferentes e vai alterar a teorização do conceito.

Klein concordou com Freud que a agressão e a libido são os dois instintos básicos. Klein divergiu de Freud na suposição de que o ego existe ao nascimento. Ela acreditava que a pulsão de morte é traduzida após o nascimento em sadismo oral, a qual, projectado para fora, dá lugar às fantasias de um seio mau, destrutivo, devorador. Tanto a agressão como a libido são expressas desde o nascimento em diante por fantasias inconscientes.

Para Klein (1930) existe um estado precoce do desenvolvimento mental em que o sadismo está presente em todas as fontes de prazer libidinal. Não só está presente, como atinge o seu expoente máximo nesta fase – há um desejo oral-sádico de devorar o seio da mãe (ou a própria mãe). O objectivo da criança é o de possuir o corpo da mãe e de o destruir através de qualquer arma ao serviço do sadismo (ex. fezes, urina). Esta fase marca o início do conflito edipiano precoce - o genital começa a exercer a sua influência apesar de ainda não ser evidente pela força dos impulsos pré-genitais,

O argumento de Klein depende, portanto, do facto do conflito edipiano iniciar-se no período em que predomina o sadismo.

Reformulação do conceito de Simbolismo em Klein

Dentro da mãe a criança espera encontrar 3 coisas: o pénis do pai, fezes e bebés. De acordo com as fantasias da criança sobre o coito parental, o pénis do pai (ou o seu corpo) é incorporado na mãe. Assim, os alvos dos ataques sádicos da criança são a mãe e o pai, que em fantasia são mordidos e rasgados. Este ataque causa ansiedade à criança, uma vez que esta sente que deve ser castigada pelos pais – a ansiedade é internalizada através da introjecção sádico-oral do objecto, num super ego em desenvolvimento.

O excesso de sadismo na criança provoca-lhe uma grande ansiedade que vai por em desenvolvimento as defesas mais primitivas do ego. A defesa mais primitiva do ego é referente a duas fontes de perigo, a saber, o sadismo da própria criança e o objecto que é atacado. Esta defesa, consoante o nível do sadismo, é extremamente violenta e difere do posterior mecanismo de recalamento.

Em relação com o sadismo da criança, a defesa implica expulsão, enquanto em relação com o objecto implica destruição. Ou seja, o sadismo torna-se uma fonte de perigo porque é possível a libertação da ansiedade e a destruição do objecto. O objecto de ataque torna-se uma

fonte de perigo porque a criança espera a sua retaliação. A criança, com o seu ego pouco desenvolvido, tem de conseguir lidar com esta severa ansiedade.

É sob esta teoria que Klein (1930) desenvolve a sua conceptualização do simbolismo. Para Klein (1930), o simbolismo surge do conflito que a criança experiencia em relação ao corpo da mãe. O interesse libidinal e agressivo na mãe e mais tarde no corpo de ambos os pais, provoca ansiedade e culpa que leva o bebé a deslocar o seu interesse para o mundo externo que o rodeia, atribuindo-lhe um significado simbólico.

Segundo Ferenczi (1916), a identificação, que precede o simbolismo, aparece como forma do bebé se redescobrir nos objectos (os seus próprios órgãos e a sua função). Segundo Jones (1916), o princípio do prazer permite duas coisas diferentes serem equacionadas como semelhantes, devido à similaridade de interesse ou prazer. Klein (1930) conclui que o simbolismo é a fundação de toda a sublimação e de todo o talento, uma vez que é pela relação simbólica que as coisas, actividades e interesses se tornam alvo das fantasias libidinais.

Juntamente com o interesse libidinal, também a ansiedade crescente desta fase desenvolve o mecanismo da identificação. A criança deseja destruir os órgãos que representam os objectos (pénis, vagina, seio). A ansiedade daí resultante contribui para a criança equacionar os órgãos em questão com outras coisas que se vão tornar objectos de ansiedade. Desta forma, a criança é impelida constantemente a fazer outras e novas equações que formam a base quer do seu interesse em novos objectos, quer do simbolismo. È devido à ansiedade que a criança transfere os impulsos sádicos e pulsão epistemofílica do interior da mãe para um objecto do mundo exterior – objecto esse que é livre de conflito. No entanto, devido à falha no processo de diferenciação o conflito tende a alastrar-se ao novo objecto fazendo com que a criança seja compelida a fazer novas transferências para novos objectos. Assim se inicia a relação com o mundo exterior.

Assim, não só o simbolismo se torna a fundação de toda a fantasia e sublimação mas, através dele, é construída a relação do sujeito com o mundo externo e com a realidade. Neste ponto Klein diverge da teoria de Jones que afirma que os símbolos são formados onde não há sublimação. A autora não concorda com esta relação defendida por Jones entre símbolo e sublimação. Um bom exemplo disso, para Klein é o brincar das crianças, que é uma actividade sublimada, e é também uma expressão simbólica de desejos e ansiedades.

A fantasia sádica direccionada para o corpo da mãe constitui a primeira (e básica) relação com o mundo exterior e com a realidade. O sucesso, ou não, com que a criança conseguirá ultrapassar esta fase irá determinar se a criança consegue adquirir um mundo externo correspondente com a realidade. No início, o mundo da criança é fantástico. Com o desenvolvimento do Ego a criança estabelece uma relação com a realidade – o desenvolvimento

do ego e a relação com a realidade dependem da capacidade do ego tolerar, num período bastante precoce, a pressão das primeiras situações de grande ansiedade. Caso assim não seja pode resultar numa paralisação no desenvolvimento do Ego. Uma quantidade de ansiedade suficiente é a base necessária para uma abundância de formação simbólica e de fantasia. É necessária uma capacidade adequada para tolerar a ansiedade por parte do Ego. Se esta fase primitiva for favorável o desenvolvimento do ego será bem sucedido. No entanto, se essa ansiedade for muito forte, torna-se destrutiva, paralisando o desenvolvimento do Ego.

Fica-se no entanto sem compreender o que é que é o nível de ansiedade óptimo para promover o desenvolvimento do Ego e o que é que é ansiedade em excesso. A autora também não explica o que acontece no caso das crianças cujas mães são excessivamente protectoras, extremamente vigilantes e tentam evitar ao máximo qualquer tipo de ansiedade que a criança possa sentir, ou seja, o que acontece em crianças que não sentem ansiedade, se é que é possível, ou que sentem muito pouca ansiedade.

Em 1930, Klein levantou o problema da inibição da formação simbólica. Relatou um caso que acompanhava de uma criança autista de 4 anos, Dick, que não conseguia falar ou brincar. Não mostrava afectos nem ansiedades e não mostrava qualquer interesse no meio que o rodeava à excepção de maçanetas das portas, comboios e estações que o fascinavam. A sua análise revelou que a criança estava aterrorizada com a sua agressividade em relação ao corpo da mãe que ele sentia que o destruía com os seus ataques. Devido à força da sua ansiedade a criança erigiu defesas poderosas contra as suas fantasias dirigidas à sua mãe. Daí resultou uma paralisação da sua vida fantasiosa e da formação simbólica. Ele não atribuía qualquer valor simbólico ao mundo ao seu redor e por isso não tinha sobre ele qualquer interesse. Daí concluiu que se não ocorre simbolização, paralisa o desenvolvimento do Ego.

Caso Dick: Factos

Dick era uma criança de 4 anos mas que se assemelhava a uma criança de 15/18 meses devido ao pobre vocabulário (quase inexistente) e intelecto. Demonstrava uma enorme incapacidade de adaptação à realidade e em estabelecer relações afectivas (por exemplo, era indiferente à presença da mãe). Não sentia ansiedade era insensível à dor e não tinha interesses. Não tinha desejo de ser entendido – reproduzia sons sem significado e quando falava usava o seu fraco vocabulário de forma incorrecta. Mantinha com a mãe uma relação antagónica, fazendo o contrário do esperado. Demonstrava uma grande incapacidade de agarrar facas e tesouras mas sabia agarrar a colher de sopa com a qual comia.

Em bebé a mãe não lhe conseguia dar de mamar e ele quase morreu à fome. Sofria de indigestões e, mais tarde, de hemorróidas. O seu desenvolvimento ficou marcado pela falta de afecto – a mãe dava-lhe os outros cuidados mas sempre foi fria, e nem o pai nem a ama lhe davam carinho.

Aos 2 anos teve uma nova ama que lhe dava carinho e coincidiu com a altura em que foi viver para casa da avó que gostava muito dele. O seu desenvolvimento foi notório, ganhou hábitos de higiene (antes não controlava as fezes) e começou a desejar coisas.

Aos 4 anos mostrou-se sensível à culpa – a ama soube que ele se masturbava e disse-lhe que era feio, que não deveria fazê-lo – esta proibição provocou-lhe um sentimento de culpa.

Mas o seu maior problema persistia apesar da boa ama: a sua incapacidade em estabelecer relações afectivas. Nem a ama nem a avó conseguiram suprimir a falta da relação de objecto - seu Ego não tolerava a ansiedade.

O papel do genital foi muito precoce tendo-lhe causado uma prematura e exagerada identificação com o objecto atacado e contribuindo para uma defesa prematura contra o sadismo. O Ego cessou o desenvolvimento da vida fantasiosa e de estabelecer uma relação com a realidade. Ou seja, a formação simbólica ficou parada após o seu fraco início.

Apenas tinha um interesse que, isolado e sem relação com a realidade, não formava a base para futuras sublimações. Não tinha interesse pelos brinquedos ou objectos, apenas se interessava por comboios, estações e portas. Este interesse tinha uma fonte: a penetração do pénis no corpo da mãe em que portas e fechaduras significavam os caminhos dentro e fora do corpo da mãe e o puxador da porta significava o pénis do pai bem como o seu. O que fez a formação simbólica estagnar foi a ameaça do que lhe aconteceria após penetrar o corpo da mãe, e assim as defesas contra os impulsos destrutivos tornaram-se o impedimento fundamental para o seu desenvolvimento.

Era incapaz de qualquer acto agressivo constatável pela sua recusa em mastigar os alimentos. A defesa contra os impulsos sádicos para a sua mãe resultou no cessar das fantasias e no estagnar da formação simbólica. Como não havia afecto ou relação simbólica com os pais na sua cabeça, qualquer acção sua em relação a eles não era colorida com fantasia, sendo assim impossível olhar para ela como tendo o carácter de representação simbólica.

A sua falta de interesse pelo seu ambiente e a dificuldade de estar em contacto com a sua mente é fruto de uma incapacidade de se relacionar simbolicamente com as coisas.

Na quarta sessão ele chorou quando a ama o deixou lá mas rapidamente acalmou. Evitou tudo menos os brinquedos que analisou com bastante atenção. Encontrou o brinquedo cortado e tapou-o com os outros brinquedos. Melanie Klein explicou, outra vez, que representava a mãe e

Dick agarrou nos pedaços e levou-os para o espaço entre as portas – ao atirá-los para fora da sala estava a indicar uma expulsão, quer do objecto estragado, quer do seu próprio sadismo que estava a ser projectado para o mundo externo.

Caso Dick: da incapacidade à capacidade de simbolizar

Na fantasia da Dick as fezes, a urina e o pénis eram os objectos com os quais atacava o corpo da mãe e que ele sentia como se o atacassem a ele. Começou a sentir uma grande agressividade contra o pénis do pai, com desejo de o destruir e comer. Dick agarrou no boneco, levou-o à boca e disse: “comer o papá”. A introjecção do pénis do pai estava associada ao medo do pai e de um Super-Ego muito rígido – medo dos objectos externos e introjectados. A fase genital de Dick foi activada precocemente e esta situação era, por isso, acompanhada, não só de ansiedade mas de remorso, pena e de um sentimento de necessidade de restituição.

As operações precoces das reacções que originaram o nível genital foram o resultado de um desenvolvimento do Ego precoce, mas também inibiu o desenvolvimento egóico. Esta identificação precoce com o objecto ainda não podia ser levada para uma relação com a realidade. A incapacidade para tolerar a ansiedade tornou-se um factor decisivo para abandonar os seus impulsos destrutivos. Por isso Dick não brincava. No brincar da criança é activada a agressividade. No brincar é expressa a agressividade. Como era intolerável, retirou a sua atenção dos objectos do mundo exterior que representavam o interior da sua mãe. O próprio pénis, como órgão de sadismo, e os seus excrementos deviam ser negados ou abandonados como sendo perigosos e agressivos.

O desenvolvimento da análise diminuiu a agressividade latente de Dick e assim foi possível que alguma ansiedade se tornasse manifesta. Foi rejeitando as coisas com as quais já tinha estabelecido uma relação afectiva e ansiosa - ao rejeitar estes objectos voltou-se para novos objectos e os impulsos agressivos foram direccionados para novas relações afectivas com muito maior interesse e curiosidade. Com este crescer dos seus interesses ele ia alargando o vocabulário devido ao seu desejo de nomear correctamente as coisas.

Também as relações de Dick com a sua mãe e com a ama tornaram-se afectivas e normais. Com o pai a sua relação foi-se tornando normal tendo em conta a atitude edipiana e registou-se um aumento nas relações com objectos em geral.

Dick já deseja ser entendido e a sua relação com a realidade está-se a tornar estável. Através de algumas palavras tornou-se possível activar ansiedade e gradualmente resolver e regular essa ansiedade, para, mais tarde, distribuí-la por novas coisas e interesses uma vez que o Ego já tinha capacidade para tolerar. Num caso de desenvolvimento do Ego defeituoso, é

possível desenvolver, quer o Ego, quer a libido – simplesmente analisando os conflitos inconscientes

HANNA SEGAL

“A palavra símbolo vem do termo grego para reunir, integrar. O processo de formação simbólica é um processo contínuo de reunir e integrar o interno com o externo, o sujeito com o objecto e as experiências precoces com as tardias.” (Segal, 1957, p. 184)

Enquadramento

Segal (1957) introduziu duas grandes contribuições para a teoria Kleiniana, no que ao conceito do simbolismo diz respeito. A primeira foi enquadrar o conceito do simbolismo com a teoria de Klein do desenvolvimento infantil, algo que Klein nunca conseguiu fazer. A segunda, que analisaremos mais à frente, foi o conceito de equação simbólica, distinto do símbolo propriamente dito.

Para Klein, e partilhada por Segal, o primeiro ano de vida é extremamente importante. Segundo Klein, durante esse primeiro ano o bebé estaria numa posição esquizo-paranoide nos primeiros 6 meses e numa posição depressiva no segundo semestre. O que é isto de posição? O termo "posição" foi preferido por Klein em relação a "estágio" porque ele enfatiza o efeito do ponto de vista da criança sobre as suas relações de objecto.

A primeira posição é a posição esquizo-paranoide que se desenvolve durante os primeiros 6 meses de vida. Segundo Klein os seres humanos possuem dois instintos básicos, o de vida ou amor e o de morte ou ódio. Devido à luta que se produz entre estes dois instintos e o sentimento de ansiedade persecutória que se produz no bebé, produto do medo de que este impulso agressivo lhe cause dano, o bebé leva a cabo processos de cisão. O ódio e a ansiedade são projectados para o primeiro objecto de relação que possui, que é o seio da mãe, que passaria a ser o seio mau, e os sentimentos de amor são projectados no seio gratificador bom. Depois desta projecção, o seio bom e o mau são introjectados na psique do bebé, pelo que o eu está muito pouco integrado, pois possui conteúdos clivados. Esta projecção e posterior introjecção colaboram para que a ansiedade persecutória vá diminuindo, pois o bebé sente-se mais seguro com o seio bom que o ampara, mas ao mesmo tempo tem um seio mau, que o persegue e persiste o medo de aniquilação do eu. Desta interacção entre os 4 - 6 meses vão-se integrando os impulsos, e a mãe já não é vista de uma forma clivada, pois incorpora-se progressivamente como um objecto total, passando à posição que Klein denomina depressiva.

Na posição depressiva, a libido predomina sobre a agressão, o bebé reconhece que a sua mãe tanto gratifica como frustra e ele torna-se ciente de sua própria agressão voltada para ela. O reconhecimento da mãe como uma pessoa integral torna a criança vulnerável à perda, especialmente perda causada pela agressão da criança. O mecanismo da idealização evolui durante

o período depressivo na idealização do objecto bom (mãe) como uma defesa contra a agressão da criança em direcção à mãe e aos sentimentos de culpa que daí advêm. Este tipo de idealização conduz a uma superdependência sobre os outros. Os maus aspectos da mãe são negados, levando a um empobrecimento tanto da experiência de realidade como do teste de realidade.

Simbolismo

Para Segal (1957), a compreensão e interpretação do simbolismo inconsciente é uma das ferramentas mais importantes do psicoterapeuta porque muitas vezes ele tem de ser capaz de reconhecer e compreender o significado não apenas de um determinado símbolo, mas também de todo o processo de formação simbólica. É sobretudo pertinente no trabalho com pacientes que demonstram uma inibição na formação e no uso de símbolos, como por exemplo, os pacientes psicóticos.

Um bom exemplo é-nos dado por Segal (1957) de um paciente esquizofrénico que após o médico lhe perguntar porque é que ele após a doença tinha parado de tocar violino, ele responde-lhe: “Porquê? Está à espera que eu me masturbe em público?”. De forma diferente, um outro paciente sonhou que ele e uma rapariga estavam a tocar um dueto de violino. Ele fez algumas associações com masturbação, por exemplo, de onde emergiu claramente que o violino representava o seu genital e tocar violino representava uma fantasia masturbatória em relação à rapariga.

Estes dois pacientes usam aparentemente o mesmo símbolo na mesma situação, isto é, o violino como representante do genital masculino, sendo que tocar o violino representaria a masturbação. No entanto, a forma como funciona o símbolo é bastante distinta. Para o primeiro, o violino tornou-se de tal forma equacionado com o seu genital que tocá-lo em público era impensável. Para o segundo, tocar violino no estado vigíl é uma sublimação. A grande diferença não reside na consciência do significado simbólico. A grande diferença é que, para o segundo paciente o facto de o sonho se ter tornado consciente não o impede de tocar violino, enquanto para o primeiro paciente havia muitos símbolos a operar no seu inconsciente da mesma forma em que o violino é usado no nível consciente, e por isso, tocar violino ou masturbar-se é exactamente a mesma coisa. Ou seja, para o primeiro paciente, o símbolo é sentido como sendo o genital e para o segundo, como representando o genital.

Simbolização – Uma relação a três

Klein (1930), na análise de Dick, concluiu que foi a excessiva ansiedade sentida por Dick que provocou a paralisação da sua vida fantasiosa e da formação simbólica, constatando que caso a simbolização não ocorra, o desenvolvimento do Ego cessa.

Assim, Segal (1957) baseando-se em Morris (1938) vai considerar a simbolização como uma relação a três: uma relação entre a coisa simbolizada, a coisa que funciona como símbolo e a pessoa para quem uma representa a outra, ou seja, uma relação entre o Ego, o objecto e o símbolo.

A formação simbólica é uma actividade do Ego por forma a lidar com as ansiedades que surgem da relação com o objecto. É principalmente o medo de maus objectos e o medo da perda ou inacessibilidade dos bons objectos. Assim, qualquer distúrbio na relação é reflectido em distúrbios na formação simbólica. Qualquer distúrbio na diferenciação entre Ego e objecto é reflectido em distúrbios na diferenciação entre o símbolo e o objecto simbolizado. A formação simbólica inicia-se provavelmente pela mesma altura das relações de objecto, e sendo uma actividade do Ego, às alterações do Ego correspondem alterações na formação simbólica. Não apenas relativamente ao conteúdo do símbolo, mas a forma como os símbolos são formados e usados reflectem o estado de desenvolvimento do ego e a forma como se relaciona com os objectos. Assim, e observando a questão do simbolismo como uma relação a três, qualquer problema na formação simbólica deve ser analisada no contexto da relação do Ego com os seus objectos.

Equação simbólica

As principais características das primeiras relações de objecto do bebé, para Klein e Segal, são as seguintes: na posição esquizo-paranóide o objecto é visto como clivado num objecto idealmente bom e noutro mau. O objectivo do Ego é a união total com o objecto ideal e a aniquilação do objecto mau bem como das partes más do self. O pensamento é onnipotente e o sentido de realidade é precário. Não existe o conceito da ausência, pois quando o estado de união com o objecto ideal não se verifica, o que é experienciado não é a ausência – o Ego sente-se agredido pelo mau objecto. O bebé cria objectos que sente como disponíveis (alucinação da realização do desejo), mas se as condições ideais não se verificam, é o mau objecto que é alucinado.

O mecanismo de defesa principal nesta fase é a identificação projectiva. O bebé projecta em fantasia partes de si para o objecto e o objecto identifica-se com as partes do self que sente que contém. De forma similar, os objectos internos são projectados e identificados com partes do

mundo externo que passa a representá-los. Estas primeiras projecções e identificações são o início do processo de formação simbólica.

Os primeiros símbolos, no entanto, não são sentidos pelo Ego como sendo símbolos os substitutos, mas como sendo o próprio objecto original, devido ao excesso de identificação projectiva. Assim, para Segal, devem ter outro nome, uma vez que são tão diferentes dos símbolos formados posteriormente. Chamou-lhes “equação simbólica”

A equação simbólica entre o objecto original e o símbolo no mundo interno e externo é a base do pensamento concreto do esquizofrénico onde substitutos do objecto original, ou partes do self, podem ser usados livremente mas não são distintos do objecto original: são sentidos e tratados como sendo idênticos ao objecto (Segal, 1957).

Esta não diferenciação entre a coisa simbolizada e o símbolo surge de um distúrbio na relação entre o Ego e o objecto. Partes do Ego e os objectos internos são projectados no objecto e identificado com ele. A diferenciação entre o self e o objecto não é clara. Desta forma, como parte do Ego é confundido com o objecto, o símbolo, enquanto produção do Ego, confunde-se com o objecto que é simbolizado.

O desenvolvimento do Ego e as mudanças na relação do Ego com os objectos é gradual – gradualmente vai-se passando da equação simbólica (da posição esquizo-paranóide) para os símbolos propriamente ditos (da posição depressiva). É diferente a relação do Ego na posição esquizo-paranóide da posição depressiva, bem como é diferente a equação simbólica e os símbolos formados durante e após a posição depressiva.

Na posição depressiva a característica principal das relações de objecto é que o objecto é sentido como sendo um objecto total. Ao mesmo tempo, há um maior nível de conhecimento e diferenciação da separação entre o Ego e o objecto. Como o objecto é reconhecido como sendo apenas um, é experienciada a ambivalência – a relação com o objecto é caracterizada por culpa, medo da perda, experiência real de perda e luto, e um esforço para recriar o objecto. Os processos de introjecção, nesta altura, tornam-se mais fortes que os de projecção, consonante com o esforço de manter o objecto dentro de si, bem como repará-lo e recriá-lo.

Em circunstâncias favoráveis do desenvolvimento, após repetidas experiências de perda, recuperação e recriação, um objecto estabiliza-se com segurança no Ego. Três alterações em relação ao objecto afectam o sentido de realidade do Ego. Com uma maior consciencialização da ambivalência, uma menor intensidade de projecções e uma maior diferenciação entre o Ego e objecto dá-se um aumento do sentido de realidade, quer externo, quer interno. O mundo interno diferencia-se do mundo externo. O pensamento onnipotente dá lugar a um pensamento mais realista. E simultaneamente, há uma modificação dos alvos instintivos primários. Antes o

objectivo era possuir o bom objecto e aniquilar o mau objecto. Com o reconhecimento que o bom e o mau objecto é um só objecto, o Ego está preocupado em salvar o objecto da sua agressividade e possessividade. E para isso é necessário um certo nível de inibição dos alvos instintivos, quer agressivos, quer libidinais. O símbolo tem uma importante função quer na recriação do objecto quer na possibilidade de lidar com a separação.

Esta situação é um estímulo poderoso para a criação de símbolos, e os símbolos adquirem novas funções que mudam de carácter. O símbolo é necessário para deslocar a agressividade do objecto original e dessa forma diminuir a culpa e o medo da perda. O símbolo já não é equivalente ao objecto original, uma vez que o objectivo do deslocamento é salvar o objecto e diminuir o sentimento de culpa. Os símbolos são também criados no mundo interno de forma a restaurar, recriar e possuir de novo o objecto original. Mas com o aumento do sentido de realidade, são sentidos agora como sendo criados pelo Ego e nunca equacionados com o objecto original (bom exemplo é o jogo da bobine do neto de Freud, onde ele consegue recriar, controlar e dominar a ausência da mãe, atirando e puxando a bobine pelo cordel).

Para Segal (1957), a formação de símbolos na posição depressiva necessita de alguma inibição dos alvos instintivos na relação com o objecto original para que os símbolos fiquem disponíveis para sublimação. Os símbolos criados internamente podem ser reprojectados posteriormente no mundo externo, dotando-o de significado simbólico. A capacidade de experienciar a perda e desejar recriar o objecto dentro de si dá ao sujeito a liberdade inconsciente de usar os símbolos. E como o símbolo é uma criação do sujeito, ao contrário da equação simbólica, pode ser usado livremente pelo sujeito.

Quando um substituto no mundo externo é usado como um símbolo, este pode ser usado mais livremente que o objecto original uma vez que não está totalmente identificado com ele. Como é distinto do objecto original, torna-se ele próprio um objecto. As suas propriedades são reconhecidas e respeitadas como diferenciadas do objecto original.

No entanto, mesmo após alcançada a posição depressiva, e em qualquer estágio do desenvolvimento, é possível regredir para a posição esquizo-paranóide. Tal acontece se as ansiedades sentidas forem muito fortes. Nessa altura, os símbolos usados para efeito de sublimação regridem para equações simbólicas concretas. Isto acontece porque na identificação projectiva massiva o Ego volta-se a confundir com o objecto, e assim o símbolo volta-se a confundir com o objecto, tornando-se novamente numa equação simbólica.

Voltando ao exemplo do violino, foi o que sucedeu ao primeiro paciente. Ele tocava violino como uma actividade sublimada, e só após a doença é que o violino se tornou equacionado com o pénis.

Assim, distinguindo a equação simbólica do símbolo podemos definir:

Equação simbólica – na equação simbólica, o símbolo é sentido como sendo o objecto original. As características próprias do símbolo não são reconhecidas nem admitidas. A equação simbólica é usada para negar a ausência do objecto ideal ou para controlar o objecto persecutório. Faz parte dos estágios mais precoces do desenvolvimento.

Símbolo – está disponível para sublimação e promove o desenvolvimento do Ego. É sentido como representante do objecto. As suas características próprias são reconhecidas, respeitadas e utilizadas. Surge quando os sentimentos depressivos predominam sobre os esquizóides. Quando a separação do objecto, a ambivalência, a culpa e a perda podem ser vividos e tolerados. O símbolo é usado, não para negar a perda mas para superar a perda. Quando é usado o mecanismo da identificação projectiva como defesa para as ansiedades sentidas, os símbolos podem reverter a equações simbólicas

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS TEORIAS

Definição do Conceito

O conceito Simbolismo tem dois sentidos em que pode ser utilizado. Um mais restrito, defendido por Freud (1900) e Jones (1916), e um sentido mais lato, defendido por Klein (1930), por Segal (1957) e por Blum (1978).

Assim, definimos simbolismo:

- “Em sentido lato, modo de representação indirecta e figurada de uma ideia, de um conflito, de um desejo inconsciente; neste sentido, podemos em psicanálise considerar simbólica qualquer formação substitutiva”.
- “Em sentido restrito, modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente; essa constância encontra-se, não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo para outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre si” (Laplanche e Pontalis, 2001).

Muitos dos conceitos psicanalíticos e psicológicos tem como ponto de partida da sua teorização a prática clínica. Tal acontece com o conceito do simbolismo sobre o qual nos debruçamos.

Freud – O símbolo e os sonhos

Podemos afirmar que o primeiro psicanalista que começa a teorizar sobre o simbolismo é Freud. Na sua obra *Interpretação dos Sonhos* (1900) dedica um capítulo a este conceito. Começa a interessar-se sobre o simbolismo ao verificar que na análise de seus pacientes, quando analisavam os sonhos, havia certos elementos desse sonho para os quais o sonhador não tinha qualquer associação. E não apenas nos sonhos dos seus pacientes como também nos seus próprios sonhos.

Freud começou a aperceber-se que para certos e determinados elementos oníricos não havia associações do sonhador e assim, onde antes se pensava que existia uma falha da técnica descobriu que um novo princípio estava em vigor – os elementos mudos do sonhador. Freud passou a dar voz a esses elementos baseando-se na sua experiência, a trocá-los por outros com características semelhantes e que dessem sentido ao sonho. Após essa tradução de um elemento por outro, o sonho começava a ganhar sentido.

O elemento do sonho funcionava então como um símbolo e a esse elemento correspondia um outro, o simbolizado. Esta técnica difere da técnica da associação livre mas não

a substituí. São concomitantes. A interpretação de um sonho baseia-se quer na técnica da associação livre, quer na técnica da interpretação dos símbolos.

Freud considerava o símbolo como substituto de uma ideia traumática. E assim, uma ideia inofensiva surgia carregada de afecto irracional devido ao seu vínculo com a ideia patológica. Na *Interpretação dos Sonhos* (1900) Freud afirmou que “os sonhos valem-se dos símbolos para a representação disfarçada dos seus pensamentos latentes” (p.?). Os sonhos não possuíam um simbolismo peculiar, mas apenas utilizavam símbolos já constituídos no pensamento inconsciente, escapando assim à censura. Estes símbolos aparecem no trabalho de interpretação como elementos mudos, ficando o indivíduo incapaz de fornecer associações a seu respeito. Esta concepção do simbolismo referia-se ao sentido restrito do conceito e dificultava o trabalho interpretativo. Freud sugere então a adopção de uma técnica combinada que “baseie-se nas associações do sonhador e, por outro lado, preencha as lacunas provenientes do conhecimento dos símbolos pelo intérprete”(1900, p.?). As incertezas geradas no trabalho com sonhos são remetidas à ambiguidade dos símbolos oníricos, ou seja, a característica de admitirem uma superinterpretação, acolhendo vários significados numa única forma simbólica. O aspecto da plasticidade do símbolo surge, inicialmente, como um obstáculo à compreensão dos sonhos e convoca uma atenção maior à associação livre no trabalho de interpretação.

Para Rodrigué (1966), a presença de uma definição drasticamente restrita em Freud deve-se à suposição de que os símbolos são silenciosos, tem um significado constante e constituem uma modalidade arcaica do pensamento. A posição de Freud sobre o hermetismo dos símbolos fomentou uma dicotomia na técnica de interpretação dos sonhos, ou seja, abriu uma linha divisória entre os símbolos verdadeiros e outras formas de representação indirecta. Freud, ao desenvolver tardiamente a sua teoria dos símbolos oníricos, considerou-o como a quarta forma de distorção e representação no trabalho do sonho (juntamente com os mecanismos de deslocamento, condensação e figurabilidade).

Os símbolos para Freud são versões constantes, isto é, a relação entre símbolo e simbolizado é fixa e universal. Os símbolos têm um carácter objectivo, não dependendo da subjectividade do sujeito. Para Freud (1916) estes símbolos surgem dos contos de fada, dos mitos, das anedotas, do folclore, das expressões idiomáticas, poéticas e coloquiais que estão presentes desde sempre na nossa cultura. Quanto à relação simbólica, esta é para Freud uma comparação, apesar de limitada. Limitada porque nem tudo o que pode ser comparado é simbolizado. Podemos depreender que apenas são comparados os elementos que seriam intoleráveis à consciência.

Jones – Continuação de Freud

Jones (1916) manteve a distinção entre um sentido lato e um sentido restrito efectuada por Freud. No entanto o seu objectivo principal foi discriminar um sentido restrito e exclusivamente psicanalítico, e distingui-lo das demais formas de representação indirecta, tais como as comparações, as metáforas, alegorias, alusões e outras formas de representações pictóricas. Ao considerar o simbolismo verdadeiro como apresentando uma interpretação que evoca uma reacção de surpresa, incredulidade e repugnância frente ao seu conteúdo não familiar, Jones introduz a ideia do símbolo como vinculado a um conteúdo recalcado. Este foi o aspecto novo e fundamental para a compreensão do símbolo, apresentado por este autor.

De acordo com Jones (1916), referindo-se ao sentido restrito, os símbolos têm um significado colectivo e a sua interpretação é frequentemente rejeitada pelo sujeito. Quanto mais amplo e diluído for o sentido no qual o símbolo for usado, mais facilmente este sentido é percebido e mais prontamente a interpretação é aceite. Jones (1916) enumera seis atributos que definem o conceito psicanalítico de símbolo e que o diferenciam das restantes formas de representação indirecta: representam material inconsciente, significado constante, independência dos factores individuais condicionantes, base evolutiva, presença de conexões linguísticas entre o símbolo e a ideia simbolizada e paralelos filogenéticos com os mitos, rituais e religiões. Tal como Freud (1900) considera o número de símbolos muito elevado em comparação com o número de ideias simbolizadas que é restrito. Todos os símbolos representam ideias sobre o corpo, relações consanguíneas ou fenómenos do nascimento, amor, morte e, sobretudo a sexualidade, ou seja, um número restrito de ideias primitivas e interesses imagináveis.

Jones (1916) define o simbolismo como um paralelo entre duas ideias, estabelecido inconscientemente, onde uma irá substituir e representar outra ideia primária e desconhecida da mente consciente. Segundo o autor, todos os símbolos são criados pela mente infantil e primitiva que persiste por toda a vida no inconsciente. Tal como a semelhança é a base da metáfora, há uma identificação original como base do simbolismo. Freud afirma que “uma conexão linguística foi provavelmente estabelecida em tempos primitivos onde eram unidas por uma identidade conceptual e linguística” (1900, p.?). Jones aborda este processo de identificar objectos diferentes e fundir diferentes ideias como uma tendência da mente primitiva, observada nas crianças, selvagens, sonhos, insanidade e outros produtos do funcionamento inconsciente.

Referiu a função da construção de identidades primárias como forma de atender ao princípio do prazer/ desprazer e como forma de lidar com o princípio de realidade. Segundo Jones (1916), a busca por semelhanças facilitaria a assimilação de novas experiências e permitiria

o contacto com novas “realidades materiais”. A identificação entre objectos evitaria o desprazer gerado nas experiências primitivas, que sem a possibilidade de formar semelhanças, seriam vividas como caóticas. Há três factores que operam para esta tendência geral e primitiva de identificação: uma incapacidade mental devido a uma ausência de clareza e de definição do pensamento, o princípio do prazer e o princípio da realidade.

De acordo com Jones (1916), a formação simbólica mantém um fenómeno regressivo: a regressão a um certo estágio de pensamento pictórico, claramente observado em condições especiais onde a consciente adaptação à realidade encontra-se restrita, tal como nos êxtases religiosos e artísticos; ou onde esta adaptação é completamente abolida, tal como acontece nos sonhos e nas patologias mentais.

Quando a adaptação à realidade é feita com sucesso, esta identificação torna-se supérflua e cede ao mero significado de um símbolo.

Blum – Entre Freud e Klein

Blum (1978) manteve-se na mesma linha de pensamento de Klein e Segal no que se refere ao sentido em que o conceito é utilizado. Os autores defendem uma visão alargada do conceito. Também tem algumas semelhanças com a teoria de Jones, apesar das teorias se focarem em diferentes pontos. Jones (1916) procura distinguir o que é muitas vezes apelidado de simbólico do verdadeiro simbolismo e Blum (1978), fazendo também ele essa distinção vai procurar saber os processos simbólicos.

Para ambos, tal como para Freud o símbolo é um produto do recalçamento. Dizem ambos, “só o que é recalçado precisa ser simbolizado”. Outro dos pontos em comum é a diferenciação do simbolismo, que é um processo inconsciente, de diferentes formas de representação indirecta, que são processos conscientes que servem para efeitos de comunicação e são convencionalmente aprendidos.

Quer para Jones (1916), quer para Blum (1978) o conflito, a ansiedade e outros afectos desprazerosos, bem como o recalçamento existiam antes, ou pelo menos, ao mesmo tempo que a formação simbólica. O simbolismo inconsciente está, assim, dependente do desenvolvimento do ego rudimentar.

No entanto, e também porque o artigo de Blum é de 1978, apresenta várias diferenças com a teoria de Jones. Diz Jones (1926) que um símbolo é sensorial e concreto mas a ideia que representa pode ser relativamente abstracta e complexa. Para Blum (1978), a representação simbólica mental aparece num espectro do processo primário e deriva para a simbolização mais abstracta. Parte do concreto para a progressiva abstracção. Ao contrário de Jones que defendia

uma independência dos factores condicionantes individuais na formação de símbolos bem como um significado constante, para Blum (1978) os símbolos são subjectivos, são criações do sujeito resultantes das suas defesas primitivas (recalcamento, projecção e introjecção) – neste sentido retoma o significado amplo do conceito.

Quanto à relação entre simbolismo e sublimação, Blum posiciona-se próximo da concepção Kleiniana. Diz Blum (1978) que o simbolismo serve para efeitos substitutivos e sublimatórios. Ou seja, através do simbolismo a criança desloca os conflitos instintivos para novos objectos, neutros, que, investidos com uma carga afectiva inconsciente, tornam-se do seu interesse. Sendo neutros, diminui a ansiedade.

Klein – Rotura com o pensamento Freudiano

É com Klein e Segal que é defendida uma utilização do conceito mais alargada, para que se possa chamar de símbolos não só os símbolos psicanalíticos mas também os símbolos da ciência, da religião, entre outros.

A perspectiva pouco desenvolvida de Freud sobre o simbolismo baseado na sublimação foi elaborada, entre outros, por Jones. Freud achava que os instintos humanos eram particularmente modificáveis e assim, a energia psíquica que deles derivava podia ser impedida de satisfação corporal directa, por proibições sociais e do Superego, e convertida em fins sociais – processo de sublimação.

A técnica utilizada por Freud e Jones era a verbal. Com Klein as palavras passaram a desempenhar um papel secundário. A técnica preferencial Kleiniana é o brincar da criança e o seu conteúdo simbólico. Klein olhava para a descarga da criança a brincar como altamente simbólica. Para Freud a acção física é equacionada com uma descarga directa de energia pulsional. Para Klein o brincar era equivalente aos sonhos. “O brincar das crianças representa simbolicamente fantasias, desejos e experiências. Utilizam a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão como estamos familiarizados nos sonhos” (Klein, 1930, p?).

Klein demonstrou que desde os estágios mais precoces, a criança começa a procurar símbolos e fá-lo para se poder aliviar de experiências dolorosas. Os conflitos e as perseguições em fantasia com os objectos primários (a mãe) promovem uma procura de novas relações sem conflito, com objectos substitutos (símbolos). Ainda assim, estes conflitos tendem a acompanhar e a afectar a relação com o objecto substituto, com o símbolo, o que promove uma continua procura de novos substitutos. A substituição de um objecto por outro é a formação simbólica em sentido restrito - quando um objecto imaterial de satisfação é substituído, por aceitação social, por um objecto físico de gratificação somática directa.

Os símbolos são um recurso primário do Ego que permitem expressar a actividade fantasmática inconsciente, quer internamente quer externamente, em qualquer momento. A exteriorização destas fantasias no brincar simbólico e nas personificações é impulsionada pela necessidade de afastar os estados persecutórios internos. Assim Klein demonstrou que os símbolos, como substitutos, são uma estratégia defensiva. Os símbolos representam quer uma expressão criativa primária quer uma defesa contra a ansiedade.

A capacidade de passar para novos objectos substitutos – símbolos – é um movimento de desenvolvimento e de fuga da ansiedade. A capacidade de identificar objectos de uma forma simbólica com coisas diferentes é de suma importância e é o mecanismo subjacente para o desenvolvimento do intelecto.

Segal – Seus contributos para o pensamento Kleiniano

Citando Jones, Segal (1957) faz remontar a formação do símbolo ao desejo, que ao ser reprimido, tende a se expressar, substituindo o objecto do desejo por um símbolo. O campo em que se origina o símbolo é portanto o campo pulsional. Por trás de um símbolo temos a libido, o recalçamento e uma situação de ansiedade. Sabemos que, para Freud, o desfecho ideal da libido, diante da necessidade do recalçamento é a sublimação, na qual as forças libidinais encontram uma expressão que não entra em choque com as exigências do superego, fazendo com que o ego se encontre em sintonia com o ego Ideal, uma imagem interna projectada pelo próprio superego. O comportamento sublimado é geralmente aceite do ponto de vista social, estabelecendo-se portanto uma situação de equilíbrio entre as exigências libidinais internas e aquelas da realidade externa. Se, para Jones (1916), os símbolos surgem quando a sublimação não é bem sucedida, para Klein (1930), a sublimação supõe uma expressão simbólica de ansiedades e desejos e, se ela não ocorre, todo o desenvolvimento do ego é interrompido. Segal, adere à posição kleiniana. Na sua perspectiva, a simbolização dá-se numa relação de três termos: a coisa simbolizada (o objecto original), o símbolo e o sujeito. A formação de símbolos é uma actividade do ego tentando lidar com as ansiedades mobilizadas pela sua relação com o objecto (Segal, 1957) traduzindo-se em medo de objectos maus e medo de perder objectos bons. Qualquer perturbação na relação do ego com o objecto acaba por prejudicar a formação do símbolo. Isto é particularmente claro no pensamento concreto que caracteriza os estados psicóticos, onde se evidencia uma perturbação na diferenciação entre o ego e o objecto e portanto entre o símbolo e o objecto simbolizado.

Segal (1957) vai fazer uma distinção importante entre dois fenómenos:

1. Representação simbólica – um símbolo verdadeiro substitui o original. O símbolo é reconhecido como tendo as suas próprias características separadas daquilo que simboliza;

2. Equação simbólica – Envolve uma projecção para um objecto (o símbolo). Mas na equação simbólica o símbolo torna-se no original e atrai os mesmos conflitos e inibições que o original devido à fusão do self com o objecto que nasce com a identificação projectiva patológica.

À medida que a identificação onnipotente diminui com o progresso para a posição depressiva e com o reconhecimento do objecto como total, os objectos são experienciados como tendo as suas próprias qualidades e reconhecidos como substitutos de outros objectos com diferentes propriedades e atributos. O movimento da equação simbólica para a representação simbólica acontece na posição depressiva com a percepção da diferença entre o mundo interno e o externo.

Segal, no exemplo do violino, demonstra a representação simbólica – o símbolo substitui o objecto original mas sem perder as suas qualidades e diferenças – e a equação simbólica – o símbolo não se distingue do objecto e são sentidos como sendo a mesma coisa.

Segal e Klein reconheciam a importância da identificação no processo. Quando há uma falha na distinção entre a coisa simbolizada e o símbolo é devido a uma perturbação na relação entre o Ego e o objecto. Partes do Ego e os objectos internos são projectados para um objecto externo e identificados com ele. A diferenciação entre o self e o objecto é obscura. Como uma parte do Ego é confundida com o objecto, o símbolo (que é uma criação e uma função do Ego) confunde-se com o objecto que é simbolizado.

A equação simbólica surge de uma fusão defensiva entre o self e o objecto e entre o objecto e o símbolo. Uma fusão provocada pela identificação projectiva patológica.

Com a passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, o objecto começa a ser um objecto inteiro, reconhecido de uma forma mais realista. Assim, o objecto diferencia-se do Ego e à uma diferenciação cada vez maior dos objectos e mundos internos e externos. Daqui surge a qualidade ambígua dos símbolos pois são reconhecidos como tendo as suas próprias propriedades, mas ao mesmo tempo são reconhecidos como substitutos de outros objectos com propriedades e atributos diferentes.

Os passos importantes para o reconhecimento do símbolo como separado são:

1. O abandono de formas de identificação onnipotentes que negam a separação;
2. O luto dos objectos que desaparecem sendo que as representações deles são toleradas;
3. O aumento da consciência da realidade interna e externa e da identidade dos objectos.

A internalização destes verdadeiros símbolos é uma grande conquista na posição depressiva pois ajudam a recriar o objecto interno estragado tendo assim uma relação chave com a reparação, sendo um suporte para reparar o mundo interno que, no decorrer da posição

depressiva, é radicalmente convertido para um mundo interno de símbolos, de pensamento verbal e de relações.

Diferenças entre Freudianos e Kleinianos

Há aqui uma clara diferenciação entre a teoria de Klein e Segal e a de Jones. Segundo a definição de símbolo defendida por Jones, o violino do primeiro paciente é considerado um símbolo, assim como é considerado um símbolo para o segundo paciente no seu sonho. No entanto, já não o seria na vigília do segundo paciente, pois para Jones os símbolos são formados onde não há sublimação.

Os símbolos, para Jones surgem quando o afecto que investe a ideia simbolizada não sofre uma alteração na qualidade que acontece na sublimação (Jones, 1916). Resumindo Jones, podemos dizer que quando se tem de abdicar de um desejo devido ao conflito e recalca-lo, ele pode-se exprimir de uma forma simbólica, e o objecto de desejo do qual se abdicou pode ser trocado por um símbolo.

Há pontos da teoria de Jones que Segal confirmou na análise do brincar das crianças. Os primeiros interesses e impulsos da criança são direccionados para o corpo dos pais e para o próprio corpo, e são estes objectos e impulsos presentes no inconsciente que dão lugar a todos os futuros interesses pela simbolização. No entanto a sua afirmação que os símbolos formam-se onde não há sublimação sofreu críticas.

Se se considerar como uma questão de terminologia pode-se aceitar-se o ponto de vista de Jones que se deve chamar símbolos apenas aos substitutos que trocam o objecto sem alteração do afecto. No entanto, para Segal, podem-se retirar muitas vantagens em estender a definição de forma a cobrir os símbolos usados na sublimação. Por três razões (Segal, 1957):

1. Uma definição em sentido lato corresponde melhor ao uso comum na linguagem – a concepção de Jones exclui a maior parte do que é chamado de símbolo nas outras ciências e na linguagem do dia-a-dia;
2. Parece haver um desenvolvimento contínuo dos símbolos primitivos descritos por Jones, para os símbolos usados nas expressões, na comunicação, na criação, na descoberta, etc.;
3. É difícil estabelecer uma ligação entre os desejos e processos primitivos na mente e o desenvolvimento ulterior do indivíduo, a não ser que seja admitido um conceito de simbolismo mais lato.

Do ponto de vista analítico, os interesses da criança no mundo externo são determinados por uma série de deslocações de afectos e interesses do objecto mais primitivo para os novos

objectos. E como poderia ser alcançado tal deslocamento a não ser através da simbolização? (Segal, 1957).

CONCLUSÃO

Neste estudo pretendemos perceber o desenvolvimento do conceito “Simbolismo” ao longo do tempo, ou seja, desde o início da sua teorização até ao modo como o conceito é compreendido actualmente. Procurou-se distinguir o uso mais restrito do conceito do uso alargado. Assim, foram exploradas as diferentes concepções dos autores sobre o simbolismo. Outro objectivo deste estudo era compreender a relação com a sublimação e a sua importância no desenvolvimento do sujeito.

Freud (1900), na sua obra “Interpretação dos Sonhos”, descreveu o extenso emprego de simbolismo nos sonhos, para a representação, sobretudo, do material sexual, mas também do corpo humano como um todo, dos pais, dos filhos, irmãos e irmãs, do nascimento e da morte. Para ele tais símbolos têm um significado fixo, constante, universal, objectivo. Ou seja, Freud (1900) percebeu que tal simbolismo não pertence exclusivamente ao sonho (ao inconsciente de quem sonha), mas que está presente em todos os sujeitos pelo popular, pelo folclore, pelos mitos, provérbios, comuns ao ser humano. Assim, propôs ele ser possível compor uma “chave dos sonhos”, claro que alertando que, se por um lado há em muitos casos uma relação entre o símbolo e o elemento por ele representado, noutros essa relação está oculta. Disto concluímos que a “chave” não nos permitirá abrir exactamente todas as portas.

Jones (1916) dá seguimento a esta linha de pensamento. Para o autor há símbolos e verdadeiros símbolos que são os símbolos psicanalíticos e distingue as características de ambos. Tal como para Freud, para Jones (1916) todos os símbolos representam ideias do self (do corpo como um todo ou das diferentes partes deste, exceptuando a mente) e da família directa (pais, irmãos e filhos, bem como várias partes dos seus corpos), do nascimento (ideias de dar à luz e de nascer), do amor e da morte (a ausência, sempre dos outros, nunca nossa - segundo Jones a ideia da nossa própria morte é intolerável até para o inconsciente) ou seja, representam as ideias e os interesses mais primitivos.

Esta concepção freudiana defendida também por Jones (1916) é muito limitada e parece mais próxima de signos ou sinais do que propriamente de símbolos. (Neves, ano)

Para o autor, simbolização e sublimação são dois processos distintos. Jones (1916) afirma que os símbolos são formados onde não há sublimação. Na sublimação a energia psíquica advém dos complexos inconscientes e é transferida para outro conjunto de ideias que têm os seus próprios significados independentes. A regressão pode levar ao verdadeiro simbolismo quando as ideias resultantes da sublimação perdem temporariamente o seu significado intrínseco e tornam-se símbolos do complexo do qual advém a sua energia. Nestes casos, diz Jones (1916), tornam-se símbolos no sentido restrito e não simbolizam a sublimação. Na simbolização, o significado do

complexo original é mantido inalterável e é apenas transferido para a ideia secundária (o símbolo);

Klein (1930) vai alterar a teorização do conceito. Essa alteração em muito tem a ver com a forma como Klein vê a agressividade. Para Klein (1930) são os impulsos sádicos da criança contra a mãe que a obrigam a simbolizações constantes de forma a lidar com a agressividade. O símbolo é necessário para deslocar a agressividade do objecto original e dessa forma diminuir a culpa e o medo da perda. Assim, a capacidade simbólica é um resultado da relação com a mãe. Este aspecto relacional foi bastante inovador na concepção do simbolismo. Para Klein (1930), o simbolismo surge do conflito que a criança experiencia em relação ao corpo da mãe. O interesse libidinal e agressivo na mãe e mais tarde no corpo de ambos os pais, provoca ansiedade e culpa que leva o bebé a deslocar o seu interesse para o mundo externo que o rodeia, atribuindo-lhe um significado simbólico.

O pensamento Kleiniano quanto à relação entre o simbolismo e a sublimação diverge bastante da corrente Freudiana. Para Klein (1930) o simbolismo é a fundação de toda a sublimação e de todo o talento, uma vez que é pela equação simbólica que as coisas, actividades e interesses se tornam alvo das fantasias libidinais. Não só o simbolismo se torna a fundação de toda a fantasia e sublimação mas, através dele, é construída a relação do sujeito com o mundo externo e com a realidade.

Segal (1957) vai dar um passo importantíssimo à teoria Kleiniana do simbolismo por três razões. Integra o conceito com a teoria de Klein do desenvolvimento infantil. Considerar a simbolização como uma relação a três: uma relação entre a coisa simbolizada, a coisa que funciona como símbolo e a pessoa para quem uma representa a outra, ou seja, uma relação entre o Ego, o objecto e o símbolo. E faz uma distinção entre: equação simbólica - o símbolo é sentido como sendo o objecto original e as características próprias do símbolo não são reconhecidas nem admitidas - e o símbolo - é sentido como representante do objecto e as suas características próprias são reconhecidas, respeitadas e utilizadas. Segal concorda com Klein na relação entre o simbolismo e a sublimação e afirma que só o símbolo está disponível para sublimação.

Blum escreve o seu artigo em 1978 e procura fazer uma revisão do conceito. Blum procura definir o que é o símbolo psicanalítico e diferenciá-lo de outras formas de representação indirecta, tal como fez Jones. No entanto, ao contrário de Jones, Blum defende uma utilização mais lata do conceito. Diz Blum (1978) que o simbolismo psicanalítico tem um significado específico diferente do comum significado do simbolismo que se refere a todas as formas de representação indirecta. O simbolismo psicanalítico é independente da linguagem e da cultura, e tem formas e características universais, bem como relações com o recalçamento e com as funções

do ego arcaico. Na relação entre o simbolismo e a sublimação apresenta um pensamento kleiniano. Afirma que o simbolismo psicanalítico pode ser usado ao serviço da sublimação e da adaptação. Segundo o autor, o simbolismo serve para efeitos substitutivos e sublimatórios. Ou seja, através do simbolismo a criança desloca os conflitos instintivos para novos objectos, neutros, que, investidos com uma carga afectiva inconsciente, tornam-se do seu interesse. Sendo neutros, diminui a ansiedade.

Resumindo, há duas utilizações possíveis do conceito. Uma mais restrita, Freudiana, defendida por Freud e Jones em que o símbolo é fixo, constante, universal e objectivo e que distingue o símbolo psicanalítico de outras formas de representação indirecta. Para alguns autores, essa concepção aproxima-se mais dos signos ou de sinais. E há outra concepção, aceite actualmente, mais alargada, Kleiniana, em que o símbolo é um resultado da agressividade, é, portanto, subjectivo e é a base da sublimação.

Este trabalho pretende explorar as teorias do simbolismo dos autores referenciados, uma vez que não há trabalhos realizados que explicitem as diferenças das principais teorias psicanalíticas sobre o simbolismo. Essa talvez seja a maior limitação deste trabalho pois relaciona as teorias Freudianas com as Kleinianas, suas semelhanças e diferenças, mas não acrescenta nada de novo ao conceito.

Quanto a futuras linhas de investigação, seria interessante continuar a desenvolver a teoria Kleiniana do simbolismo. É explicada a relação do simbolismo com a psicose mas não com as outras patologias. Seria interessante, por exemplo, perceber o simbolismo na patologia obsessivo-compulsiva.

Outro trabalho interessante seria o de relacionar o simbolismo com a sublimação baseado num estudo qualitativo. Não seria fácil mas seria interessante perceber por exemplo a relação entre o simbolismo e a área profissional escolhida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Blum, H.P. (1978), Symbolic Processes and Symbol Formation. *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 59, pp 455-471

Chevalier, J. (1994), *Dicionário dos Símbolos: mitos sonhos, costumes, formas, figures, cores, números*; Lisboa, Teorema

Ferenczi, S. (1916), *Contributions to Psycho-Analysis*, R. G. Badger

Freud, S. (1900), *Interpretação dos Sonhos*, Rio de Janeiro: Imago 1999

Freud, S. (1916), *Introductory Lectures on Psychoanalysis*: Oxford, England; Norton & Co, 1933

Jones, E. (1916), The theory of symbolism, in: *Papers on psychoanalysis* (1948) 5th ed. Pp 87-144. London: Baillière, Tindall, and Cox.

Klein , M. (1930), On the importance of symbol formation in the development of the ego In *Contributions to Psycho-Analysis, 1921-1945* London: Hogarth Press , 1948

Laplanche, J. e Pontalis, J. (1970), *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa: Moraes

Mijolla, A. (1996), *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

Mijolla, A. E Mijolla S. (1998), *Psicanálise*, 1ª ed. Lisboa: Climepsi, 2002

Neves, T.S. (2007). Psychoanalytic Symbolism: a critical approach. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 27 (2), pp: 115-142

Piaget, J.(1945), *Formação do Símbolo na criança*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

Rodrigué , E. (1955), The analysis of a three-year-old mute schizophrenic In M. Klein, P. Heimann& R. E. Money-Kyrle (eds.), *New Directions in Psychoanalysis* London: Tavistock Publ.

Segal, H. (1957), Notas sobre a formação de símbolos, inMelanie Klein Hoje, Desenvolvimento da Teoria e da Técnica, vol 1: artigos predominantemente teóricos, pp 167-184, Rio de Janeiro: Imago 1991

Segal, H. (1978), On Symbolism. International Journal of Psychoanalysis, vol. 59, pp.315-319.

Spitz, R. (1957) No and Yes: on the genesis of human communication. New York: International Universities Press

Winnicott, D. (1967), O Brincar e a Realidade, Rio de Janeiro, Imago